



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

EMÍLIA REZENDE RODRIGUES DE ABREU

**DESCRIÇÃO DO SISTEMA PRONOMINAL NA
ESTRUTURA FRASAL EM KAINGANG**

Londrina
2009

EMÍLIA REZENDE RODRIGUES DE ABREU

**DESCRIÇÃO DO SISTEMA PRONOMINAL NA
ESTRUTURA FRASAL EM KAINGANG**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação, em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Orientador: Prof. Dr. Ludoviko C. dos Santos

Londrina
2009

EMÍLIA REZENDE RODRIGUES DE ABREU

**DESCRIÇÃO DO SISTEMA PRONOMINAL NA
ESTRUTURA FRASAL EM KAINGANG**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação, em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ludoviko C. dos Santos
Universidade Estadual de Londrina

Profa. Dra. Esther Gomes de Oliveira
Universidade Estadual de Londrina

Prof. Dr Rogério Vicente Ferreira
Universidade Federal de Campo Grande

Londrina, 16 de março de 2009.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus que me capacitou e esteve sempre comigo em todas as etapas desta dissertação. Sem Ele, nada seria possível. Também dedico ao meu querido esposo, meu incentivador fiel em tudo que faço na minha vida.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho seria impossível sem a ajuda de várias pessoas que me auxiliaram em muitas das etapas, até que conseguisse chegar ao seu final.

Agradeço ao meu marido, Robson e aos meus filhos, Juliana e Daniel, que suportaram os meus momentos de reclusão para estudos, leituras, análises, etc. e foram privados dos momentos de “família reunida”.

A minha colega de trabalho, Lissandra Wust, amiga fiel, com quem sempre pude contar e ter total apoio. Foram várias as horas, em que ela carregou o “fardo”, sozinha.

Ao meu orientador, prof. Dr. Ludoviko C. dos Santos, o qual, com seu conhecimento me contagiou e incentivou à pesquisa e ao estudo da língua kaingang. Agradeço sua paciência, amizade e pela forma natural e simples, de me dizer aspectos importantes de minha vida acadêmica de aluna/ pesquisadora, que me fizeram refletir e tentar mudar. Levarei tudo isto por toda minha vida.

Aos informantes indígenas, professores da Escola Indígena Luiz Penky Pereira, na reserva indígena Apucarantina. Por sua preciosa paciência durante as coletas dos dados.

Ao colégio PGD, (que me contratou, ainda no início do mestrado) por seu interesse em meu desenvolvimento acadêmico, demonstrado através da compreensão nas horas da dispensa do colégio para as aulas, enquanto aluna deste programa.

Aos meus pais, Isaías e Emília Rezende, que sempre me incentivaram aos estudos e ao crescimento intelectual.

A todos os meus professores deste curso: Prof. Dr. Adja Balbino A. B. Durão, Prof. Dr. Regina Maria Gregório, Prof. Dr. Vanderci de Andrade Aguilera, Prof. Dr. Luiz Carlos Migliozi que compartilharam seu saber, proporcionando-me novos horizontes de oportunidades para descobertas e crescimento pessoal contínuo.

ABREU, Emília Rezende Rodrigues. **Descrição do sistema pronominal na estrutura frasal em Kaingang**. 2009. 117f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.

RESUMO

Este trabalho descreve os pronomes da língua kaingang e sua posição na estrutura frasal. Através de análise verificamos que, ao usarmos pronomes pessoais no SN sujeito, ocorriam algumas variações na estrutura frasal dessa língua. Com o desenvolvimento do estudo, abordamos todo o sistema pronominal e buscamos elaborar uma breve descrição de todos os pronomes existentes em kaingang. A primeira etapa do trabalho descreve os pronomes nas orações simples e, na segunda etapa, os pronomes em um texto. Para a coleta dos dados foram utilizados questionários constituídos de orações, em português, com a estrutura do objeto de análise. Nossos informantes foram professores bilíngües, da escola localizada na Terra Indígena Apucarantina. Em kaingang, a estrutura canônica, nas orações simples é S O V. Com o uso de pronomes, há variação nessa estrutura frasal. Porém, algumas vezes, ela se mantém. Na maioria dos exemplos com sujeito pronominal temos a estrutura O V S. Os pronomes possessivos são usados em estruturas S O V ou O V S, dependendo do sujeito, seja ele nominal ou pronominal. Com os pronomes demonstrativos, bem como com o pronome indefinido {ũn}, com os pronomes interrogativos {ne - hẽ- ã}, com o pronome reflexivo {vẽnh} e o pronome recíproco {jagnẽ} ocorreram várias estruturas frasais diferentes: S O V, O S V, S V, V S O. Nas orações subordinadas relativas adjetivas, o pronome relativo {ũn} iniciava as orações ou, então, foi usado o pronome demonstrativo {ẽn}, funcionando como um pronome relativizador.

Palavras-chave: Pronomes. Kaingang. Estrutura frasal.

ABREU, Emília Rezende Rodrigues. **Description of the pronominal system in the phrasal structure in Kaingang language.** 2009. 117p. Dissertation (Master's Degree in Language Studies) – State University of Londrina, Londrina, 2009.

ABSTRACT

This work describes pronouns in the Kaingang language and their position in phrasal structure. We verified through analysis, when personal pronouns in the SN subject are used, there occur some variations in the phrasal structure of the language. With further study and development, we verified the entire pronominal system and sought to elaborate a brief description of the existing pronouns in Kaingang. The first step of the work describes pronouns in simple sentences and, in the second part, pronouns in a text. In our fact finding, we used questionnaires from simple sentences in Portuguese with the purpose of analyzing structure. Our subjects were bilingual teachers from a school located in an indigenous area of Apucarantina. In Kaingang, the canonic structure in simple sentences is S O V. With the use of pronouns, there is a variation of this phrasal structure. However, at times, there is no change. In the majority of examples with pronominal subjects we have the O V S structure. Possessive pronouns are used in the S O V or O V S structures depending on the subject, whether it is nominal ou pronominal. With demonstrative pronouns as well as indefinite {ũn}, interrogative {ne- hẽ- ũ}, reflexive {vẽnh}, and reciprocal {jagnẽ} ones, there occur various different phrasal structures: S O V, O S V, S V, V S O. In subordinate clauses with relative adjectives, the relative pronoun {ũn} begins the phrase or the demonstrative pronoun, ãn, functioning as a relative pronoun.

Keywords: Pronouns. Kaingang. Phrasal structure.

SÍMBOLOS E ABREVIATURAS

Adv. – advérbio

Benef. – benefactivo

Conj. – conjunção

Dat. – dativo

Fem. – feminino

Fut. – futuro

Ind. a. – indicador de aspecto

ind. circ. – indicador de circunstância

Ind. exp. – indicador de existência

Ind. m. – indicador de modo

Ind. o. – indicador de opinião Ind.

p. – indicador de pergunta Ind. suj.

top. – indicador de sujeito tópico

Ind. suj. – indicador de sujeito Ind.

top. – indicador de tópico M.

suj. – marcador de sujeito

Masc. – masculino

Neg. – negação

p. – pessoa

p.poss. – pronome possessivo

p. rel. – pronome relativo

p.p. – pronome pessoal

p.poss. – pronome possessivo

Pl. – plural

Posp. – posposição

Prep. – preposição

Pron. dem. – pronome demonstrativo

Pron. ind. = pronome indefinido

Pron. int. – pronome interrogativo

Pron. ref. – pronome reflexivo

Sg. – singular

Suj. ag. – sujeito agente

v. – verbo

? – na glosa, indica dúvida

1 – primeira

2 – segunda

3 – terceira

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A LÍNGUA E LINGUAGEM	13
3 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS ESTUDOS NAS LÍNGUAS ÍNDIGENAS	16
4 ESTUDOS SOBRE A LÍNGUA KAINGANG	20
5 TRABALHO DE CAMPO E METODOLOGIA	24
6 CONSIDERAÇÕES SOBRE A LÍNGUA NO MOMENTO DE SUA DESCRIÇÃO E CONCEITOS SOBRE OS TIPOS DE PRONOMES	26
7 PRONOMES EM KAINGANG	35
7.1 PRONOMES PESSOAIS.....	35
7.2 PRONOMES POSSESSIVOS.....	44
7.3 PRONOMES INTERROGATIVOS	56
7.4 PRONOMES INDEFINIDOS	64
7.5 PRONOMES DEMONSTRATIVOS	73
7.6 PRONOMES REFLEXIVOS	83
7.7 PRONOMES RECÍPROCOS.....	87
7.8 PRONOMES RELATIVOS	91
8 PRONOMES ANALISADOS EM UM TEXTO	99
CONCLUSÃO	109
REFERÊNCIAS	112
ANEXOS	115
ANEXO A – Mapa da Distribuição das Línguas do Tronco Macro-Jê (Brasil)	116

1 INTRODUÇÃO

Das 180 línguas indígenas faladas no Brasil, muitas delas têm sido estudadas graças a projetos de Educação que estão privilegiando este aspecto cultural. Contudo, estas pesquisas realizadas não são amplamente estudadas e há grande carência de descrições das mesmas.

Rodrigues (1999) em um de seus artigos diz que “qualquer língua que seja falada por menos de 100 mil pessoas tem sua sobrevivência ameaçada”. Ora, todas as línguas indígenas do Brasil são faladas por menos de 40 mil falantes, e a maior, a língua da tribo Tikuna, não passa de 30 mil falantes.¹ Fica evidente o perigo de extinção e podemos concluir, portanto, que a tarefa de pesquisa, estudo, análise e descrição destas línguas são de grande urgência. Por outro lado, podemos verificar que os estudos já realizados, têm cooperado imensamente com as línguas indígenas, pois contribuíram para a expansão do conhecimento dos mecanismos que regulam as línguas naturais.

Há um bom número de material existente em estudos da escrita Kaingang e de sua gramática, porém, faltam estudos didático-pedagógicos que auxiliem os professores a ministrarem aulas desta língua. Nas visitas à Terra Indígena no Apucarantina, foram realizadas algumas aulas pelo professor Ludoviko, com o objetivo de ajudá-los pedagogicamente. Verificou-se então a carência de um material que os auxilie em seu trabalho como professores. É de suma importância a pesquisa desta língua e, principalmente, a elaboração de um material pedagógico que atenda as necessidades das escolas indígenas.

Em suas escolas, os kaingang, a partir da 3ª série, têm aulas tanto em português, como em kaingang. Sabemos que esta oportunidade de se tornarem bilíngües amplia a sua riqueza cultural e suas perspectivas sociais. No entanto, a chance de sucesso das escolas kaingang será maior se tiverem um material pedagógico adequado, em sua língua nativa.

Ao longo da trajetória de graduação, pesquisas sobre a língua Kaingang constituíram-se foco central dos meus interesses e sempre tive desejo de aprofundar um pouco mais o que já vinha estudando há algum tempo. Inicialmente,

¹ Sugestão para conhecer as etnias indígenas brasileiras e seus nomes: o livro Povos Indígenas no Brasil 2001/ 2005 do Instituto Sócio Ambiental.

a pesquisa visava à variação dos verbos e suas formas longas e curtas. Este estudo resultou no trabalho apresentado no 12º Simpósio Internacional de Iniciação Científica da USP (2004), intitulado “A Variação dos Verbos na Língua Kaingang”, juntamente com duas graduandas e o professor Ludoviko dos Santos. Num segundo momento, a pesquisa voltou-se para a variação na estrutura frasal e o uso de pronomes resultando no trabalho “Pronomes em Kaingang”, no XVIII Seminário do CELLIP (2005), em Guarapuava.

Em 2007, como parte do programa de mestrado, foi estudado e apresentado o trabalho sobre a possibilidade do {ag} ser um morfema de plural nos pronomes. O título do trabalho era “Podemos considerar o morfema {ag} como morfema flexional de plural em kaingang?”. No mesmo ano, foi apresentado no VI SEPECH o trabalho intitulado “Os Pronomes e Sua Função Dêitica”.

No ano de 2008, o trabalho “Apontamento sobre o Sistema Pronominal em Kaingang” foi apresentado no VII SEPECH, e apenas uma pequena parte das análises dos dados desta dissertação compôs o corpus daquele trabalho.

Já no início dos estudos sobre os pronomes, verificou-se que ocorriam algumas variações na estrutura frasal. A partir disso, surgiu a questão norteadora para a escolha do tema da presente dissertação: a variação na estrutura frasal do kaingang quando se utiliza sujeito pronominal. Há certas mudanças que parecem ser por causa do uso dos pronomes. Entretanto, algumas vezes, verificou-se a mesma estrutura tanto com sujeito nominal como com o sujeito pronominal. Com o desenvolvimento dos estudos e das análises o tema foi ampliado. Todo o sistema pronominal passou a ser parte dos estudos e das análises e buscou-se elaborar uma breve descrição dos pronomes existentes nesta língua. Foi preciso levantar várias hipóteses e analisar vários dados, a fim de verificar o que realmente acontece para haver a variação estrutural nesta língua.

O objetivo desta dissertação é descrever os pronomes na língua Kaingang e as modificações que ocorrem na estrutura padrão desta língua - S O V. Pretende-se também obter conhecimentos para o projeto de elaboração da gramática pedagógica da língua Kaingang, coordenado pelo professor Ludoviko C. dos Santos, o qual consistirá na descrição das classes de palavras e das orações simples do kaingang.

A estrutura deste trabalho foge ao estilo dos trabalhos tradicionais acerca de línguas indígenas, nos quais se observa, em geral, uma descrição

sistemática da fonologia, morfologia e sintaxe da língua estudada. O viés pretendido é a descrição dos pronomes e a sua posição na estrutura frasal desta língua, procurando verificar certas hipóteses que foram emergindo a partir das análises dos dados coletados.

Na Introdução, discorreremos acerca da grande necessidade de estudos sobre as línguas indígenas e o que já realizamos nas pesquisas sobre a língua kaingang durante a participação no Projeto de Pesquisa voltado para a elaboração de uma gramática pedagógica nesta língua. Foram apontados o objetivo, justificativa e a questão norteadora deste trabalho. Tratou-se também das definições de língua e linguagem e também comentários sobre línguas indígenas e os estudos já realizados nesta área e as dificuldades encontradas.

Esta língua tem sido analisada e pesquisada desde o século XIX, mas ainda faltam estudos que sistematizem esse conhecimento de forma didática.

As bases em que se apóiam este estudo, o referencial teórico das análises dos pronomes, a visão da língua e seu funcionamento serão discutidos no momento da descrição. Tratar-se-á ainda, através de uma abordagem descritiva funcionalista, as várias formas possíveis de um enunciado nos quais são usados pronomes. Serão abordados os conceitos de pronomes e sua função em uma oração, e também alguns exemplos de como algumas línguas usam esta classe gramatical.

Os dados coletados mostraram como são usados os pronomes nesta língua e por meio das análises, possíveis hipóteses serão apontadas. Serão descritos os pronomes pessoais, possessivos, interrogativos, indefinidos, demonstrativos, reflexivos e relativos.

Na conclusão, faremos o resumo das possíveis hipóteses levantadas neste trabalho. E as referências trarão as obras citadas e todas as que serviram de apoio para que fosse possível a realização deste estudo.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE LÍNGUA E LINGUAGEM

A linguagem é uma faculdade muito antiga da espécie humana. Dizem alguns estudiosos que talvez seja até mais antiga que a descoberta de muitas das criações humanas: ferramentas, vestuário, armas... Se não fosse a linguagem, o ser humano não poderia, nem mesmo mentalmente, formular quaisquer pensamentos ou explicitá-los. Não se sabe de nenhuma sociedade humana que tenha existido sem a capacidade de comunicação.

Não é difícil encontrarmos palavras que definem os termos “língua e linguagem”. Em algumas línguas temos uma mesma palavra usada para definir ambos os termos. Por exemplo, em inglês, temos somente a palavra *language* que significa tanto língua como linguagem. Em francês, a palavra *langage* é usada como linguagem em geral, e a palavra *langue* é usada para as diversas línguas que existem. Em português, nós temos uma diferenciação entre estas palavras, usamos a palavra *língua* para nos referirmos ao idioma e *linguagem* para definir o meio de comunicação.

Alguns estudiosos deixaram suas definições de linguagem e de língua e serão mencionadas algumas delas, obtidas no livro de John Lyons (1987) *Linguagem e Lingüística – Uma Introdução*.

Conforme Sapir (apud LYONS, 1987, p. 3) “A linguagem é um método puramente humano e não instintivo de se comunicarem idéias, emoções, e desejos por meio de símbolos voluntariamente produzidos”.

Bloch e Tager (apud LYONS, 1987, p. 3), em seu livro *Outline of linguistics Analysis* (1942, p. 5) postulam que: “Uma língua é um sistema de símbolos vocais arbitrários por meio dos quais um grupo social co-opera”. Diferentemente da definição de Sapir, eles (Bloch e Tager) somente fazem menção da função comunicativa da linguagem, a língua falada. Esta pode ser uma visão muito limitada da linguagem, pois sabemos que é possível comunicar, sem usar a fala. Nós podemos usar gestos, posturas, olhares e comunicarmos muito bem o que desejamos.

Em seu livro *Essay on Language*, Hall (apud LYONS, 1987, p. 4) nos diz que “Linguagem é a instituição, pela qual os humanos se comunicam e interagem uns com os outros por meio de símbolos arbitrários orais- auditivos habitualmente

utilizados”.

Tanto Hall como Sapir tratam a linguagem como uma instituição humana e a visão da língua como instrumento de uma sociedade. Os termos “habitualmente e voluntariamente” remetem à época em que a linguagem era vista como resposta a um estímulo, baseadas nas teorias behavioristas. Hoje, porém, a linguagem não é vista dessa forma. Não produzimos um enunciado, simplesmente, por uma questão de hábito. Não se pode prever a conexão entre uma palavra usada e uma situação. Podemos usar a mesma palavra em inúmeras situações, sem que haja nenhuma relação entre elas.

Robins (apud LYONS, 1987, p. 5) nos oferece a definição de que “As línguas são sistemas de símbolos [...] quase totalmente baseados em convenções puras ou arbitrárias”. Com estes termos “convenções puras ou arbitrárias”, percebemos a flexibilidade e a adaptabilidade da linguagem. Um sistema de hábitos pode ser alterado com o tempo, pois seus usuários tendem a mudar este sistema de acordo com suas necessidades. Um dos alvos da lingüística é o de investigar se há limites para a realização de modificações e, se houver, quais seriam.

Outra definição de língua e linguagem é a de Chomsky (apud LYONS, 1987, p.5), que diz “Uma linguagem é um conjunto (finito ou infinito) de sentenças, cada uma finita em comprimento e construída a partir de um conjunto finito de elementos”. De acordo com Chomsky, toda língua natural, seja na forma falada, seja na forma escrita, possui um número finito de sons e um número finito de letras, embora possa haver um infinito número de sentenças. Cada uma delas será representada por este número finito de letras. A definição de Chomsky se diferencia das demais, pois não trata a linguagem como uma função comunicativa. Ele chama a atenção da linguagem apenas como estudo dos sistemas estruturais da mesma. A sua maior contribuição para a lingüística foi a de demonstrar a dependência estrutural entre os processos pelos quais se constroem as sentenças nas línguas naturais e, ter formulado uma teoria de que tais propriedades podem ser estudadas precisamente.

Para Câmara Júnior (1979) “[...] a língua... é, antes de tudo, no seu esquema, uma representação do universo cultural em que o homem se acha, e, como representa este universo, as suas manifestações criam a comunicação entre os homens que vivem num mesmo ambiente cultural. [...] língua oral é que é ponto inicial, a verdadeira essência da linguagem, e a língua escrita é uma modalidade que

a civilização desenvolveu para estabelecer uma comunicação visual”.

A maioria dos lingüistas define língua como um sistema de signos projetados para a realização da comunicação (Fala).

A língua é independente da fala e a fala é muito anterior à escrita. Esta é a posição de muitos lingüistas. Deve-se fazer uma diferença entre os signos lingüísticos (a língua como sistema) e onde e quando tais signos se realizam (a linguagem). Para melhor entendimento do estudo da linguagem, temos desde Saussure (1915) a dicotomia entre língua e fala: *langue* e *parole*. O que ele chamou de *langue* foi todo o sistema lingüístico, algo virtual, pois não apresenta uma estrutura física e que governa os eventos da fala. Ele definiu *parole* como sendo o discurso, ou seja, os eventos da fala. Para ele, a língua é um sistema de valores depositado como produto social na mente de cada falante de determinada língua. Já a fala é um ato individual e está sujeito a fatores externos, logo, não passível de análise. Segundo Saussure (apud LYONS, 1987, p. 8), é impossível conceber a linguagem (fala-*parole*) sem a língua (*langue*), pois a linguagem tem seu lado individual e seu lado social. A língua é algo dinâmico, que está em constante evolução, através de seus falantes.

Quando um linguista se propõe a descrever determinada língua, ele precisa considerar tanto a língua escrita como a falada, como se fossem mais ou menos isomórficas, isto é, que teriam a mesma estrutura interna. Não poderiam ser absolutamente isomórficas pelo fato de que seria impossível representar todas as distinções da fala.

Todas as línguas, já estudadas ou não, possuem um sistema de comunicação complexo e desenvolvido. É o que se percebe quando se estuda uma língua indígena. [...] “Cada nova língua que se investiga traz novas contribuições à lingüística; cada nova língua é outra manifestação de como se realiza a linguagem humana” [...]. (RODRIGUES, 1986, p. 5).

3 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS ESTUDOS DAS LÍNGUAS INDÍGENAS

“Os índios brasileiros não são um povo são muitos povos” (RODRIGUES, 1986, p. 17). Cada um deles tem seus costumes, suas crenças, sua organização social, que são resultado de experiências vividas por muitos anos. As línguas indígenas são reflexos e parte integral de sua identidade. Embora diferentes, pouco conhecidas e difundidas, possuem o que qualquer língua do mundo tem: manifestações da capacidade de se comunicar pela linguagem.

O interesse pelas línguas indígenas teve início no século XVIII, marcado pelo Iluminismo Europeu. Seus adeptos queriam descobrir todo conhecimento das atividades do saber humano e desejavam ampliar todos os temas e domínios da natureza humana. Dessa forma, as línguas de outros povos passaram a ser, também, objeto de pesquisa. Porém, tais pesquisas eram meramente normativas, onde se buscava falar e escrever bem.

Atualmente no Brasil temos, em média, 180 línguas indígenas. O número não é preciso, pois não foi possível incluir as que ainda não estão no recenseamento oficial brasileiro de informações lingüísticas, nem informações acerca de povos indígenas. Provavelmente, na chegada dos europeus, o número de línguas indígenas era mais do que o dobro do que temos hoje. A extinção de muitas destas línguas se deve ao extermínio dos povos indígenas, pela morte de seus falantes por epidemias e doenças contagiosas, etc. Podemos verificar que, onde houve mais colonização é justamente o local em que mais línguas indígenas desapareceram: Regiões Nordeste, Sul, Sudeste. Algumas das línguas desaparecidas foram registradas de forma mais ou menos ampla e outras tiveram apenas pequenos registros. Porém, a grande maioria desapareceu sem que nenhum estudo fosse feito sobre ela.

No início dos estudos das línguas indígenas, havia somente o interesse por vocábulos e não havia uma sistematização gramatical. O objetivo de se ter esta lista de vocábulos era, principalmente, um estudo etnológico. Era por meio de certos conjuntos semânticos que se chegava à cultura de um povo. Quando em uma pesquisa não havia certos vocábulos, que eram correspondentes à língua do pesquisador, eram coletados locuções ou grupos frasais.

Ainda no século XIX, encontramos outra forma de análise das

línguas indígenas, e que podemos chamar de classificação tipológica (criada pelo linguista August Schleicher), indicando que, as línguas se classificariam em: línguas isolantes, aglutinantes e flexionais, conforme o tipo preferencial de vocábulo. Para Câmara Júnior, esta classificação contém “pontos fracos, vagos insatisfatórios e até incorretos”, pois Schleicher considerou a classificação baseada somente nos estudos históricos (CÂMARA JÚNIOR, 1979, p. 141). Destas atividades tivemos em línguas indígenas, o Mitriades, de Aldeung, e o Catálogo de línguas, do jesuíta Hervás. Mas a classificação era apenas no léxico, sem nenhum estudo na gramática, ou nos sons e nos tipos frasais.

Segundo Câmara Júnior (1979), um dos problemas no estudo destas listas de vocábulos era que “Os pesquisadores nunca se propunham a uma análise mórfica rigorosa e sistemática, capaz de fornecer as formas mínimas da língua, que são os elementos fundamentais para o conhecimento de sua estrutura”. Por meio dos morfemas de uma língua é que se tem a noção do quadro gramatical e, é por meio dos lexemas que se pode fazer uma comparação de língua para língua e, desta forma, classificá-la e interpretá-la. Além do mais, no estudo dos morfemas e semantemas, podemos verificar como os vocábulos se reúnem e somente a partir deste ponto, analisar conjuntos formais de uma língua a outra. Durante algum tempo, a falta de análise mórfica prejudicou os estudos das línguas indígenas, pois como muitas delas incorporavam afixos e as separações dos vocábulos não eram coerentemente conduzidas, apenas separadas por hífens, a visão de um núcleo vocabular era mascarada por este método.

Os estudos nas línguas indígenas, no passado, muitas vezes confundiam-se com estudos históricos. Como os estudos etnológicos se serviam dos estudos lingüísticos, a necessidade de se depreender relações entre línguas indígenas impedia um estudo minucioso e um exame descritivo com precisão e segurança nas conclusões comparativas.

Depois vieram os pesquisadores que se dedicaram às análises com transcrições fonéticas: Von den Steinen, Koch- Grünberg, Ehrenreich, Nimuendaju, [...] Porém, nesta época, não havia como captar os sons linguísticos com exatidão e, a preocupação em registrar o som que se ouvia era muito grande, resultando em muitas variantes posicionais, sons autônomos dentro de uma língua, prejudicando assim, um verdadeiro sistema de fonemas.

Com o passar do tempo, a orientação na pesquisa das línguas

indígenas foi mudando e, dentre os estudiosos, podemos ressaltar Rosário Mansur Guérios, um professor de português, interessado na lingüística geral e que estudou as línguas indígenas do Paraná e Santa Catarina. Dele temos um ensaio de dicionário das divisões lingüísticas e tribais dos índios brasileiros (1948- 1949). Da mesma forma, cabe mencionar os estudos do lingüista Aryon Dall' Igna Rodrigues, que conduziu de forma diferente os estudos do Tupi - Guarani, com idéias novas sobre estas línguas (1958).

Como parte no avanço dos estudos, surge o Formulário dos Vocábulos Padrões para Estudos Comparativos Preliminares das Línguas Indígenas (do SIL - Summer Institute of Linguistics), que uniformiza a transcrição fonética, propondo três sistemas: o da Sociedade Fonética Internacional, o do norte americano Kenneth Pie e o de Câmara Júnior (1957). Com isto, as pesquisas são conduzidas de uma forma mais organizada, buscando itens em frases pequenas, onde se percebe melhor a estrutura sintática, melhor percepção de fatos gramaticais, como tempo e modo verbais, técnica de funcionamento de pronomes etc.

Nos anos 60, temos a lingüística estruturalista de Joaquim Mattoso Câmara Júnior. Nesta época é criado o Setor de Lingüística do Departamento de Antropologia do Museu Nacional da UFRJ. Foi um dos primeiros programas de lingüística, na modernidade, voltado para o estudo das línguas indígenas brasileiras.

O programa teve entre as figuras principais os lingüistas do SIL (Summer Institute of Linguistics), que objetivaram a descrição das línguas, a confecção de dicionários e a classificação genética das línguas.

As línguas indígenas brasileiras são classificadas em um tronco lingüístico, do ponto de vista da classificação genética. Nesta classificação genética, podem-se reunir as línguas que tenham origem numa outra língua mais antiga. As línguas são agrupadas em famílias, classificadas como pertencentes ao tronco Tupi, Macro-jê e Aruak. Algumas línguas indígenas, entretanto, não puderam ser identificadas como relacionadas a nenhum destes troncos, que são as línguas: Karib, Pano, Maku, Yanoama, Mura, Tukano, Katukina, Txapakura, Nambikwara e Guaikuru. Ainda há outras que não puderam ser classificadas pelos lingüistas dentro de nenhuma família, permanecendo não-classificadas ou isoladas, como a língua falada pelos Tükúna, a língua dos Trumái, a dos Irântxe etc. O tronco Tupi compreende dez famílias, e o Macro-Jê abrange doze famílias, dentre elas a família

jê, a qual pertence a língua kaingang.

Os estudos tipológicos, propriamente ditos, começaram nos anos 80. Estas pesquisas entraram na UnB através de Aryon Rodrigues, o mesmo acontecendo na UNICAMP, UFPE, UFSC, UFPA. Inicia-se um grande desenvolvimento em diversas universidades. Surgem as teorias gerativas. É lançado, em 1987, o Programa de Pesquisa Científica sobre as Línguas Indígenas.

Na década de 90, temos a reformulação do setor de Lingüística do Museu Nacional. Ocorre um avanço nos estudos tipológicos, retomados por trabalhos gerativistas, embora a prática metodológica permaneça.

Os trabalhos, de um modo geral, são parciais e raramente surge uma gramática completa. Infelizmente, ainda não temos nenhum banco de dados que centralize as informações sobre projetos, pesquisas e textos.

O estudo em línguas indígenas anda a passos lentos no Brasil. Quase todas as línguas indígenas faladas no Nordeste, Sudeste e Sul do Brasil desapareceram. A tarefa dos lingüistas de documentar, analisar, comparar e tentar reconstruir a trajetória destas línguas é de suma importância nos dias atuais.

4 ESTUDOS SOBRE A LÍNGUA KAINGANG

Como foi dito anteriormente, a língua kaingang pertence ao tronco lingüístico Macro-Jê. As evidências que se tem para o reconhecimento deste tronco são menos claras das que se tem para o tronco lingüístico Tupi. A constituição deste tronco é ainda hipotética. Algumas das línguas que compõe este tronco ainda são faladas, como Maxacali, Boróro, Karajá, Guató, Ofayé, as quais têm sido estudadas. Outras deixaram de ser faladas e só se tem documentos do passado, os quais são muitas vezes precários.

As línguas do tronco Macro-Jê, conforme Rodrigues (1986) dividem-se em doze famílias e somam trinta e cinco línguas faladas. São elas: Jê, Kamakã, Maxacali, Krenák, Purí, Karirí, Yatê, Karajá, Ofayé, Bororó, Guató e Rikbaktsá. Estas línguas se espalham no território brasileiro no sul do Pará, Maranhão, estado de Goiás, Mato Grosso, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. O maior constituinte do tronco Macro-Jê é a família lingüística Jê. Esta família se subdivide nas seguintes línguas: Timbira, Canela Ramkokamekrã, Canela Appaniekrã, Gavião, Piokobjé, Gavião Parakatejé, Krinkati, Krahô, Krenjê, Apinajé, Kayapó, A'ukré, Gorotire, Kararaô, Kikre-tum, Kokraimoro, Kubenkrankén, Mekrangnoti, Metuktíre, Xicrin, Panará, Suyá, Tapayúna, Xavante, Kaingang, Xoklém. No anexo 1 consta o mapa do tronco Macro-Jê.

A língua kaingang é uma das línguas com maior número de falantes entre as línguas indígenas do Brasil. O povo kaingang está espalhado em muitas regiões ao longo dos três estados do sul do Brasil e no interior de São Paulo, totalizando mais de 29 mil falantes. Só no estado do Paraná são mais de sete mil falantes. Como estão bem espalhados, desenvolveram vários dialetos, que diferem apenas na pronúncia e em algumas palavras do léxico. No Paraná são reconhecidos apenas dois dialetos: um nas regiões ao norte do Rio Iguaçu (Rio das Cobras, Marrecas, Ivaí, Faxinal, Queimadas, Mococa, Apucarantina, Barão de Antonina e São Jerônimo da Serra) e outro nas regiões abaixo do Iguaçu (Mangueirinha e Palmas).

Desde os primeiros contatos, os kaingangs foram alvo das ações catequéticas da Igreja Católica. Os estudos da língua Kaingang tiveram seu início pouco antes do século XIX. O primeiro lingüista a publicar um estudo do dialeto

Kaingang foi Mansur Guérios, num trabalho acerca do dialeto de Palmas (PR), na década de 1940. Já o primeiro estudo amplo da língua, da fonologia à sintaxe, se deve à lingüista Ursula Wiesemann.

O dialeto do kaingang no Paraná é bem distinto em relação aos Xokleng de Santa Catarina. Também difere dos kaingang da Serra do Chagu e de outros lugares, porém não são diferenças fundamentais. A maior diferença está na pronúncia.²

Há muitos anos, estudiosos vêm pesquisando a língua kaingang, porém, muitos desses trabalhos são apenas listas de vocabulário. Abaixo traremos uma lista de alguns:

- 1) 1852- “Vocabulário da Língua Bugre” - esboço de um vocabulário. São 15 páginas com mais de 650 entradas que não se resumem a itens lexicais, mas, uso dos termos, seguido da tradução em português. O autor foi provavelmente um missionário, devido aos termos religiosos muito freqüentes.
- 2) 1869- Hensel: 33 itens lexicais feitos com base no alemão.
- 3) 1888- Taunay: 600 itens lexicais e mais de 60 frases reunidas como parte de sua monografia “Os índios Caingangues Coroados de Guarapuava”.
- 4) 1894- Juan Bautista Ambrosetti – “Los Índios Kaingangues de San Pedro (Misiones)”. São 853 itens lexicais, sendo 252 verbos e 71 frases.
- 5) 1894- Edmundo Barros: 100 itens lexicais.
- 6) 1896- Juan Bautista Ambrosetti: “Materiales para El Estudio de Las Lenguas Kaingangue (Alto Paraná)”. São 600 itens lexicais, com dezenas de pequenas orações.
- 7) 1867- “Noções sobre os Indígenas da Província do Paraná”. São 90 palavras e 16 frases, com a especificação de pronúncias.
- 8) 1902 – Adam- “Le Parler des Caingangues”. Reúne e analisa diversos vocábulos já conhecidos. São 140 itens lexicais.
- 9) 1903 – Dulley: Uma lista vocabular com 201 itens lexicais,

² Os índios Xokleng dizem entender o kaingang, mas não falam esta língua (fonte: Instituto Sócio Ambiental povo xokleng)

orações simples. Há algum agrupamento temático e classe de palavras.

- 10) 1905- Morsch: Um vocabulário com 47 termos em kaingang.
- 11) 1909 – Chevalier. “Vocabulário dos Índios Bugres de Nonoai”. São 240 palavras organizadas por assuntos e classes de palavras.
- 12) 1918 - Frei Mansueto Barcatta de Val Floriania: “Ensaio de Grammatica Kainjgang”. Um trabalho sobre fonologia, morfologia e sintaxe da língua kaingang.
- 13) 1920 - Frei Mansueto Barcatta de Val Floriania: “Diccionarios Kainjgang- Portuguez e Portuguez- Kainjgang”. São 3.500 entradas e mais de 1.500 em português, ou seja, mais de 5.000 verbetes.
- 14) 1936 – Oliveria: “O Vocabulário dos Índios de Coroados”. São 73 termos.
- 15) 1942- Mansur Guérios. Realizou estudos sobre a língua kaingang, notas históricas comparativas (dialeto de PALmase Dialeto de Tibagi, Paraná).
- 16) 1945 – Mansur Guérios: “O Xókrén é idioma Caingangue”. Trabalho em que demonstra a relação lingüística entre estas línguas.
- 17) 1947 – Wanda Hanke: “Vocabulário del Dialecto Caingangue de la Serra Chagu, Paraná”. São 180 itens lexicais e uma dúzia de frases.
- 18) 1950- Wanda Hanke: “Ensayo de Uma Gramática de Idioma Caingangue de los Caingangues de La Serra de Apucarana, Paraná, Brasil”.
- 19) 1933 – Nimuendajú: Coletânea dos kaingang de São Paulo com 65 itens lexicais apresentados em dois vocabulários comparativos: 54 com a língua Xokleng e onze com a língua Caiapó do Araguaia.
- 20) 1959- Wiesemann: “Notas sobre o proto-Kaingang: em estudo de quatro dialetos”. É o estudo público sobre a língua kaingang em uma reunião da ABA.

- 21)1967- Wieseemann: ela estabelece uma sugestão de ortografia e inicia a produção de cartilhas para a alfabetização nesta língua.
- 22)1971- Ursula Wieseemann: Dicionário Kaingang- Português, Português- Kaingang (SIL). São mil verbetes na parte kaingang, representado especialmente, pelo dialeto do Paraná.
- 23)1978- Ursula Wieseemann: “Os Dialeto da Língua Kaingang e o Xokleng”.

Há alguns estudos mais recentes na área de morfossintaxe, entre eles pode-se destacar:

- 1) 1987- CAVALCANTE, Marita Pôrto: “Fonologia e Morfologia da Língua Kaingang: o Dialeto de São Paulo Comparado com o do Paraná”. É uma tese de Doutorado em Lingüística da Unicamp. Orientador: Dr. Aryon Dall’ Igna Rodrigues.
- 2) 1995 – NASCIMENTO, Sílvia Helena Lovato: “Aspectos Morfológicos e Sintáticos e Marcação de Caso da Língua Kaingang”. Tese de Mestrado da UFSC (Lingüística). Orientador: Prof. Dr. Carlos Mioto
- 3) 1996- SILVA, Célia Ribeiro: “História Crítica da construção da escrita do Kaingang”. Tese de Mestrado - UEL. Orientadora: Prof. Dr. Vanderci Andrade Aguilera.
- 4) 2006- TABOSA, Luciana Pereira: “Construções Causativas na Língua Kaingang”. Orientador: Prof. Dr. Ludoviko C. dos Santos.
- 5) 2008 – ALMEIDA, Liriana “A marcação de (tempo), modo e aspecto na língua kaingang: uma proposta de análise”. Orientador: Prof. Dr. Ludoviko C. dos Santos.

Podemos verificar que, nas universidades, estudos sobre o kaingang, surgem apenas a partir de 1980. Entretanto, a grande maioria deles mantém-se na área da fonologia.

Em todos os trabalhos efetuados a favor da língua kaingang, seja qual for a entidade, podemos verificar que ainda há grande carência de ferramentas para as escolas indígenas e seus professores bilíngües.

5 TRABALHO DE CAMPO E METODOLOGIA

Qualquer língua em si, não precisa de um lingüista para existir. Língua e linguagem preexistem a qualquer estudo ou análise a seu respeito. Ora, ainda temos muitas línguas ágrafas em nosso planeta. O trabalho de um lingüista é descrever uma língua e a sua realidade. Contudo, a língua em si não é algo observável, mas sim as suas produções lingüísticas. É no cérebro de um falante que a língua toma forma por meio de suas enunciações, de suas produções.

Para analisar linguisticamente expressões, frases, textos, muitas vezes o lingüista precisa ser sociólogo, pois a língua é um produto social. Nesta descrição da língua, é necessário seguir alguns princípios e um deles é observar o seu objeto de estudo, a língua.

Para isto, é necessário coletar dados que sejam pertinentes à pesquisa que está sendo feita. A maneira de coletá-los também é importante, a fim de que a descrição seja feita de maneira adequada, baseada em dados empíricos.

Para realizar este trabalho, foram coletadas várias sentenças com uso de pronomes, que serviriam como base para todas as demais existentes nesta língua. Segundo Câmara Júnior, existe, em cada língua, o que podemos chamar de “frases nucleares” e a partir delas, se criam outras que seriam as ampliações ou combinações destes núcleos frasais.

A escolha do corpus foi feita devido à necessidade de se analisar a posição dos pronomes em frases nas quais eles fossem usados na função de sujeito e de objeto. Para ser representativo, foi necessário ter certa quantidade de frases, dentro e fora de um texto, para que fosse possível verificar a coincidência de certas posições dos pronomes nas frases em kaingang.

Segundo Rodrigues, em seu artigo “Sobre as Línguas Indígenas e Sua Pesquisa no Brasil”, para se ter uma boa pesquisa é necessário alguns anos de coleta para uma descrição.

[...] Em condições boas de pesquisa, quatro ou mais anos para produzir uma boa descrição gramatical e um dicionário com registro amplo do vocabulário que cubra todos os domínios semânticos relevantes da cultura nativa. (RODRIGUES, 2005, p. 36).

Nossos informantes eram professores bilíngües. Pelo fato deles nos darem frases à sua escolha, algumas vezes surgiam dificuldades, pois, nas análises dos dados havia sentenças que mostravam a sua espontaneidade. Com isso, o risco de se ter erros era significativamente maior.

Mesmo assim, os dados coletados foram, de certa forma, controlados, pois foram produzidos por falantes competentes. Mesmo sendo espontâneos, eram direcionados para o objetivo da pesquisa.

Todos estes dados foram obtidos desde os anos da graduação, enquanto participante do projeto de pesquisa. A partir do momento em que se decidiu que o foco da pesquisa repousaria sobre a descrição de toda a classe pronominal, as coletas passaram a ter um objetivo mais assertivo e direcionado aos pronomes, em geral, da língua kaingang.

Sabemos que todo estudo realizado em uma língua indígena encontra mais dificuldades do que o estudo de uma língua que já tenha disciplina gramatical. Na pesquisa de uma língua indígena, temos um campo totalmente estranho e, mesmo com auxílio de informantes, pisa-se em terreno totalmente novo e cheio de surpresas. Mas isto não significa que seja uma língua ininteligível ou mal organizada.

6 CONSIDERAÇÕES SOBRE O FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA NO MOMENTO DE SUA DESCRIÇÃO E CONCEITOS SOBRE OS TIPOS DE PRONOMES

A linha teórica na elaboração deste trabalho apóia-se nos preceitos da lingüística descritiva e do funcionalismo. Seguindo a linha da lingüística givoniana, neste trabalho serão descritas as produções lingüísticas atestadas entre os falantes do kaingang. Dessa forma, sem buscar determinar regras ou padrões, documenta-se a língua e seu funcionamento no momento da descrição. Observa-se os princípios e características que regulam as estruturas lingüísticas analisadas, neste caso, o kaingang. Segundo Givón “A comunicação humana é multiproposicional, na qual o discurso imediato e o tema do contexto geral controlam a maior parte das escolhas dos mecanismos gramaticais”. (GIVÓN, 1984, p. 10).

Em outras palavras, o estudo lingüístico envolve o falante e o ouvinte, o contexto no qual estão inseridos e as escolhas que ambos fazem para produzir seus enunciados. O estudo da sentença é o primeiro passo para identificar o inventário dos códigos lingüísticos que constroem a estrutura morfossintática de uma língua. O objetivo lingüístico, a partir desta visão é elucidar como os mecanismos são usados na comunicação. Portanto, a primeira etapa do trabalho é descrever as orações e a segunda etapa, o estudo de um texto. Ainda conforme este autor, com a análise descritiva de sentenças, pode-se perceber quais estruturas são possíveis na língua estudada, mas não se pode saber nada sobre o contexto no qual ela foi usada. Também não há como saber com que freqüência outras sentenças, com mesmo significado podem ocorrer. Através da coleta de dados, modelos experimentais são formados, hipóteses são levantadas e outras descartadas.

Seguindo uma abordagem funcionalista, serão observadas e descritas várias formas possíveis de um enunciado. Cada análise das coletas efetuadas procurará estabelecer os princípios das estruturas escolhidas pelo falante indígena. Segundo Mussalim:

A abordagem funcionalista vê a linguagem como um sistema não-autônomo. Ela nasce a partir de uma necessidade de comunicação entre os membros de uma comunidade, que está sujeito às limitações impostas pela capacidade humana de adquirir e processar o conhecimento e que está continuamente se modificando para cumprir novas necessidades comunicativas. (MUSSALIN, 2001, p.211).

Portanto, nas análises dos enunciados em Kaingang serão considerados tanto o falante como o ouvinte, e suas necessidades comunicativas que permearão estes enunciados. Quando um falante nativo fala, ele escolhe, faz opções e são estas variações que serão descritas.

Para estabelecer um ponto de partida, algumas frases serão utilizadas como frases “padrões” (ou gabaritos) para que sejam estabelecidas as variações e, a partir delas, descrever as possíveis variações. Assume-se que há a possibilidade de diversas alternativas para a ordenação dos constituintes em uma sentença. Não haveria uma única ordem possível, mas uma coexistência de vários padrões. Este trabalho, porém, seguirá certa estrutura, para que a partir dela, possamos determinar outras variações possíveis. O que acontece com os elementos constitutivos de uma sentença dependerá de diversas funções comunicativas diferentes. A ordenação dos constituintes de uma frase dependerá do falante e a avaliação que ele faz do seu ouvinte; ele organiza sua fala para provocar uma mudança nesse conjunto de informações, fornecendo algo novo ao seu destinatário.

Para abordar os pronomes e a variação na estrutura frasal, deve-se recorrer à concepção de dêixis. Segundo Shopen: “Todo enunciado lingüístico se realiza num lugar particular e num tempo particular: ocorre numa certa situação espaço-temporal”. (SHOPEN, 1985b, p. 290). Falante e ouvinte são distintos um do outro, contudo, estão numa mesma situação espaço-temporal. O enunciado, portanto, contará com sujeitos do discurso.

Lyons (1979) postula que o termo dêixis foi introduzido para indicar “traços orientacionais” na língua. Os dêiticos determinam o tempo e o lugar de um enunciado. Por exemplo, os chamados pronomes pessoais são categorias dêiticas, pois eles apontam, indicam alguém em um tempo e espaço de um determinado enunciado. A situação de um enunciado é egocêntrica: o falante diz “eu” e seu ouvinte é o “você”, mas se seu ouvinte diz “eu”, o falante torna-se “você”. O falante estará sempre no centro da enunciação, no centro de um sistema dêitico, para referir-se a si mesmo e aos participantes do enunciado. Os dêiticos também funcionam como adjuntos adverbiais de tempo e de lugar, como aqui, acolá, lá, agora, etc.

Também de acordo com Stephen e Anderson (apud SHOPEN, 1985a, p. 261) “[...] In fact, the choice of language register is usually deictic in our sense”.

Sabemos que os pronomes podem referir-se tanto a pessoas como a animais, mas isto não é relevante sintaticamente. Além da situação de egocentrismo existente em um enunciado, Lyons (1979) fala que nos pronomes pessoais, a categoria de pessoa também se define com clareza pela noção de papel. Quando o falante se estabelece como a 1ª pessoa, ele mesmo é o objeto do discurso. A 2ª pessoa é usada para referir-se ao seu ouvinte. A 3ª pessoa é usada para se referir às pessoas ou coisas que não sejam o falante e seu ouvinte. Ainda segundo este autor, a 3ª pessoa também é considerada como um membro negativo no enunciado. Negativo, pois não participa do enunciado. Já a 1ª e a 2ª pessoas são membros positivos, pois fazem parte ativa do enunciado.

Segundo este mesmo autor, “Os pronomes de primeira e segunda pessoa são necessariamente definidos (+ def.), ao passo que os de terceira pessoa podem ser definidos ou indefinidos (± def.)”. (LYONS, 1979, p. 292).

Com relação aos elementos dêiticos, em sua função gramatical, eles podem funcionar como sujeito e como objeto direto ou indireto, incluindo as formas possessivas e os vocativos. Em algumas línguas, os dêiticos podem ser formas independentes, um clítico ou formas pronominais, ou afixos flexionais.

Nossa compreensão depende não somente de uma parte do discurso que podemos localizar, mas principalmente em outros níveis que incluem a sintaxe, a fonologia e o vocabulário. Pode-se citar o uso do pronome relativo: “Façam de conta de que tudo quanto eu disse é bobagem”. O pronome relativo “quanto” se refere àquilo que o locutor havia dito anteriormente.

Ainda segundo Anderson e Keenan, (apud SHOPEN, 1985b, p. 261) considerar a terceira pessoa pronominal como um dêitico é mais complicado, pois pelo fato de não participarem do enunciado, podem apontar para algo indefinido. Por outro lado, os pronomes demonstrativos, em inglês “this/these/ that/those”, são considerados adjetivos demonstrativos, com ou sem especificação de lugar, como por exemplo: “this door” or “that door over there”. Eles são, claramente, elementos dêiticos locativos.

Os pronomes de terceira pessoa, em inglês: “He/ she/ it - they” mesmo sendo considerados como elementos dêiticos, são usados, no entanto, como elementos anafóricos, mais do que como elementos dêiticos. Por isso, podem ser caracterizados como “weak deictics”, segundo Anderson e Keenan (apud SHOPEN, 1985a).

Em relação ao número, Lyons (1979) também afirma que a 1ª pessoa do plural não é o plural da 1ª pessoa do singular (eu ≠ nós), pois, “nós” pode indicar eu + outras pessoas que não somente o seu ouvinte. Por isso, há o “nós inclusivo” (eu + o seu ouvinte) e o “nós exclusivo” (eu – outros, + o(s) ouvinte (s)).

A distinção morfêmica entre a primeira pessoa do singular (eu) e a primeira pessoa do plural (nós) é algo presente em todas as línguas. Porém, esta distinção entre “nós inclusivo e nós exclusivo”, somente algumas a fazem. Como exemplo, podemos citar a Malgaxe³ (Malagasy-língua malaio-polinésia, falada em Madagascar).

Exemplo de nós inclusivo e nós exclusivo

H andaha Fut ir	izahay nós (excl.)	Ny trano - nay A casa nossa (excl.)
Nós (mas não você) iremos		A nossa casa (mas não de vocês)
H- andeha Fut ir	isika nós (incl.)	Ny trano- tsika A casa nossa (incl.)
Nós (incluindo vocês) iremos		A nossa casa (inclunido vocês)

Um dos exemplos de maior distinção conhecido com os pronomes pessoais na função de sujeito é a língua Fijian⁴.

Número	Pessoa			
		Primeira	Segunda	Terceira
Singular		Su	Iko	Koya
Dual	Inclusivo	Kedaru	Kemudrau	Rau
	Exclusivo	Keiru		
Trial	Inclusivo	Kedatou	Kemudou	Iratou (Eratou)
	Exclusivo	Keitou		
Plural	Inclusivo	Keda	Kemuni	Ira (Era)
	Exclusivo	Keimani		

Segundo Anderson e Keenan, muitas formas alternativas existem

³ Exemplo da língua Malgaxe retirado do livro Language Typology and Syntactic Description, v.3, p.265

⁴ Fijian- uma das línguas faladas nas ilhas Fiji.

em outras línguas. Nos exemplos acima citados, podemos verificar que as terminações ru/aru estão relacionadas a duas pessoas e as terminações ou/ tou estão relacionadas a três pessoas.

Nesta questão de distinção de número em pronomes pessoais, ainda segundo os autores Anderson e Keenan (apud SHOPEN, 1985b, p. 164) é mais comum falhar na distinção de segunda pessoa do que na primeira. Contudo, no inglês, não há distinção na 2ª pessoa na função de sujeito. A forma “you” é usada tanto para a forma singular como para a plural. Nos pronomes reflexivos, há distinção, pois a forma singular é “yourself,” e a do no plural é “yourselves”.

Outro aspecto importante, em relação a número na classe dos pronomes, é que a maioria das línguas tende a fazer distinção em relação ao singular mais do que fazem em relação ao plural. Podemos observar este fato na língua inglesa. Temos “He/ she/ it” para a terceira pessoa no singular e somente “they” para a terceira pessoa no plural.

Estes pronomes: “He/ she/ it e they” também se distinguem por traços não dêiticos de gênero: He (ele), she (ela) e it (neutro) que são neutralizados na 3ª pessoa do plural they (plural de He, she e it). Esta distinção também acontece no alemão e no russo. Porém, em outras línguas românicas, como por exemplo, o francês e o português, a distinção no plural é mantida: elles (elas), ils (eles) e eles/ elas. Os pronomes de 3ª pessoa em Kaingang também possuem esta distinção de gênero, tanto no singular: ti (ele), fi (ela) como no plural: ag (eles) e fag (elas).

Esta característica de distinção dos pronomes de 3ª pessoa ele/ ela, He/ she e it, torna-os diferentes dos pronomes indefinidos, onde temos: somebody/alguém e something/algo. Já na língua turca, a categoria definida é marcada por um sufixo nos pronomes de 1ª, 2ª pessoa no acusativo.

No capítulo 7.2, dos pronomes possessivos, trataremos do morfema {ag} como morfema de plural, além de ser o morfema de 3ª pessoa do plural. Para entendermos melhor o {ag} como morfema de plural, vamos discorrer um pouco sobre este assunto. Segundo Gleason Júnior (1978, p. 58) [...] a segunda unidade básica do sistema de expressão é o morfema. [...] Morfema é a unidade do plano da expressão da linguagem que entra em relação com o nível do conteúdo.

Uma palavra resulta da combinação de morfemas, que podem ser lexicais ou gramaticais. A análise morfológica das línguas demonstra que os processos morfológicos podem ser de vários tipos. Para descobri-los, é necessária

uma análise destas partes mínimas que formam uma palavra, os morfemas. Portanto, numa análise morfêmica, descobre-se os morfemas aditivos de uma língua, que são os radicais e os afixos. O radical, que é o morfema lexical, é o elemento mínimo de significado lexical. Os morfemas gramaticais são os que se juntam ao morfema lexical, formando uma nova palavra. Esta formação pode ocorrer pelo processo de flexão ou de derivação. No processo de flexão, que é o processo fechado, concatenado, temos a flexão de número, onde há a distinção entre o singular e o plural. Em português, segundo Câmara Júnior (1997), a marca de plural, em geral, é sempre {-s}. Com a ausência do {-s}, temos o singular. Esta ausência determina um morfema zero. O morfema gramatical zero (\emptyset) é, portanto, a ausência de um morfema em oposição regular a outro. O fato do morfema {ag} ser um morfema de plural é a que nos pronomes onde há sua ausência, ocorra um morfema zero. Para isso, é necessário efetuar uma análise mórfica, um processo de depreensão das formas mínimas, ou seja, os morfemas que constituem um vocábulo. Uma depreensão de formas mínimas resume-se, em atribuir a dado segmento fônico uma parcela de conjuntos significativos que determinada forma lingüística carrega em si. As análises com o morfema {ag} serão feitas posteriormente, no capítulo dos pronomes possessivos.

Os dêiticos pessoais também carregam informações concernentes a status social do falante, do ouvinte ou de uma terceira pessoa a quem eles possam se referir. Também podem carregar informações de diferenças sociais, sexo, idade do grupo, intimidade entre os falantes etc. Nestes termos também podemos citar os pronomes de tratamento, cujo significado transmite status social, religioso, respeito. Para se reconhecer estas distinções, é necessária uma interpretação semântica própria das frases que contenham estas expressões de honra em referência ao ouvinte.

Em muitas línguas, não há distinção entre os pronomes demonstrativos e os pronomes de 3ª pessoa, como no caso do turco, a tradução de he, she, e it seria {o}. No latim clássico e no grego, nem havia um pronome de 3ª pessoa, a referência a “um pronome” seria a referência a alguma parte do discurso, que não fosse o falante nem o seu ouvinte, e era usado o demonstrativo hic, iste ou ille. Além destes três, havia um “is”, para apontar a proximidade do falante relativamente ao ouvinte, mas nunca era usado com sujeito gramatical. Segundo Lyons (1979), todos os pronomes de 3ª pessoa das línguas românicas provêm dos

pronomes demonstrativos, e o mesmo se dá com os pronomes de 3ª pessoa no inglês e no alemão. Nestas línguas, o artigo definido o/a/ os/as (no português), the (no inglês), le, la, les (no francês), originam-se de um pronome demonstrativo. Esta seria a razão da existência das três pessoas do discurso: quem fala, com quem se fala e de quem se fala. Em todas estas línguas, há a distinção de: o homem/ the man, this man/ este homem, that man/ aquele homem e he/ ele (3ª pessoas que são definidas), que se difere de someone/ alguém (3ª pessoa indefinida). Mas não há distinção em relação à proximidade, como podemos ver na distinção entre the man/ o homem e this man/ este homem (3ª pessoa próxima) e that man/ aquele homem (3ª pessoa distante). Com a classificação de artigos, pronomes pessoais e pronomes demonstrativos esta distinção não fica muito clara. Como já foi dito, para Lyons (1979), os pronomes demonstrativos possuem características dêiticas como os advérbios de lugar. Tanto a pessoa como a proximidade é determinada por um elemento do enunciado, por exemplo, no inglês, this/ este e here/ aqui indicam a relação de proximidade com o falante. Mas, isto é perdido no pronome pessoal de 3ª pessoa, não há neste pronome uma significação em relação à proximidade. O português e o turco estabelecem uma clara relação em um sistema de “demonstrativos” quando se difere a proximidade com os pronomes este/ esse/ aquele e em turco bu/ su/ o.

O português e o espanhol distinguem três pronomes demonstrativos, (também podemos chamá-los de pronomes adjetivos ou substantivos). A distinção entre os pronomes está relacionada à distância entre o falante:

- Este-próximo ao falante;
- Esse (port.) / ese (esp.) – para itens longe do falante;
- Aquele (port.) / aquel (esp.) – para itens bem remotos, mas visíveis tanto do falante quanto do ouvinte.

Em kaingang, como veremos mais adiante, temos os seguintes pronomes demonstrativos: fi – a, essa lá, tag – isto aqui, ãn- aquilo lá, ti~ -n isso lá, esse lá, fag- essas lá/ o casal lá, ag- esses lá, tag ti= isto aqui, este aqui, tag fi= esta aqui, ãn ti = aquele lá, en fi= aquela lá, tag ag= estes aqui, tag fag= estas aqui, en ag= aqueles lá, ãn fag= aquelas lá/ aquele casal lá. Veremos também que para destacar a distância entre o falante e os itens mencionados, geralmente, é usado um advérbio de lugar.

Um aspecto interessante que podemos notar nas formas pronominais é que, nos pronomes relativos e interrogativos não há distinção de pessoa como há nos pronomes pessoais. Eles são de certa forma, neutralizados.

Em quase todas as línguas, como já dissemos, não há marca de pessoa nos pronomes interrogativos. Se ela existe, como podemos ver no exemplo: “Quem chegou?”, a resposta poderia ser do próprio autor da pergunta. Em kaingang temos o exemplo do pronome interrogativo “quem” neutralizado:

Û ne ã jji
 Quem o que você nome
 Como você chama?/ Qual é o seu nome?

Nos pronomes reflexivos, algumas línguas usam formas básicas como, por exemplo, o inglês, russo e o hebreu. Em outras línguas existe uma só forma que serve para todas as pessoas, é o que ocorre com as línguas Hindi, Canada (ou Canarês), Malaio⁵. Em kaingang, temos somente duas formas jagnê- um ao outro e vênh - de si mesmo, também usado como pronome recíproco.

Em relação ao gênero, a maioria das línguas apresenta o masculino e o feminino e algumas o neutro, o que não acontece com a língua kaingang nem com o português. Segundo Anderson e Keenan (apud SHOPEN, 1985a, p. 268) as distinções de gêneros são provavelmente menos comuns em pronomes de primeira pessoa do que em segunda pessoa. Parece ser verdadeiro que a marca de gênero em primeira pessoa só é possível se o gênero também é marcado na segunda pessoa. Concordamos com esta afirmação, pois é o que ocorre na maioria das línguas. Porém, “[...] and second person forms only distinguish gender if third person forms do as well”. (apud SHOPEN, 1985a, p. 269). No português, temos marca de gênero em terceira pessoa (ele (s) /ela(s)) e não temos na primeira nem na segunda.

O mesmo acontece no kaingang: temos as formas para terceira pessoa: (ti/ fi sg. – Ag/ Fag – pl.) e somente {inh} para primeira pessoa e {ã} para segunda pessoa.

Ainda segundo esses autores, mesmo nos casos em que as formas pronominais não distinguem gêneros entre elas, contudo, estas distinções são

⁵ Canada/ Canarês - uma das línguas dravídicas faladas ao sul da Índia; Hindi- Língua indo-ariana falada ao norte e centro-oeste da Índia; Malaio- Língua oficial da Malásia.

claramente atestadas em marcas flexionais de pessoa. Entretanto, tanto o hebreu quanto o francês têm somente um pronome de primeira pessoa, mas uma concordância de gênero direciona a uma única leitura de gênero masculino ou feminino, conforme os exemplos:

HEBREU

Ani medaber

Eu falo (masc. sg)

Eu (masc.) falo

Ani medaberet

Eu falo (fem. sg.)

Eu (fem.) falo

FRANCÊS

Je suis vieux

I am old (masc. sg.).

I (masc.) am old

Je suis vieille

I am old (fem. sg.)

I (fem) am old

Neste estudo da língua kaingang, teremos uma pequena limitação quanto à descrição do uso dos pronomes, pois muito pouco tem sido escrito acerca deles, principalmente em um estudo histórico do seu uso.

7 PRONOMES EM KAINGANG

7.1 PRONOMES PESSOAIS

Os pronomes, como já foram citados no referencial teórico, caracterizam-se pela noção gramatical de pessoa. Os pronomes pessoais em português podem ser do caso reto, são as formas usadas como sujeito de um verbo e os do caso oblíquo, que funcionam como objeto direto ou indireto. Eles podem ser um adverbial, isto é, como forma dependente junto a um verbo, sendo um enclítico ou proclítico. Como exemplo, temos: me, nos; te, vos; o, a ou lhe; os as ou lhes. Outras formas oblíquas seriam as partículas que funcionam sob subordinação de uma preposição: com (co) migo, (com) tigo, (co) nosco, (com) vosco, entre outros.

Os pronomes em Kaingang funcionam da mesma forma tanto na posição de sujeito como na posição de objeto. Abaixo, temos a classificação dos pronomes pessoais:

- 1ª p. sg. Inh/ Isỹ
- 1ª p. p. Ęg.
- 2ª p. sg. Ā
- 2ª p. p. Ājag.
- 3ª p. sg. Ti (masc.) / Fi (fem.).
- 3ª p. p. Āg/Fag.

Frase Nominal

1. Gĩr vỹ gār tu

Menino m. suj. milho carregar.

O menino carregou milho

A estrutura padrão da sentença nominal, em kaingang, é SOV como podemos verificar no dado nº 1. Esta estrutura também ocorre mesmo quando há dois tipos de objetos: direto e indireto, como veremos nos exemplos 3 a 10.

2. Gãr tu inh

Milho carreguei 1p.sg.

Eu carreguei milho

Ao ser usado o pronome, a estrutura padrão sofre uma variação como podemos perceber nos dados 2 a 30.

3. Gĩr sĩ vỹ inh mỹ gãr tu

Menino pequeno m. suj. 1 p.sg. posp milho carregar.

O menino carregou milho para mim

S OI OD V

1ª Pessoa do Singular

Pronome na posição de sujeito

4. Kamó tatĩn inh

Bananas carregar 1 p.sg.

Eu carreguei bananas

Pronome na posição de objeto

5. Věnh mỹ inh manỹnỹ vã

Pr. Ref. posp 1p.sg. banana carregar (sg.)

Eu carreguei bananas para mim. (cacho)

OI posp. S OD V

Pronome na posição de sujeito

6. Ti mỹ inh manỹnỹ vã

3p.sg. posp 1p.sg. banana carregar

Eu carreguei bananas para ele

7. Inh mỹ ti manỹnỹ vã

1p.sg. posp 3p.sg. banana carregar

Ele carregou banana para mim.

8. Rãké tá inh mĩg ten

Ontem 1p.sg. onça matar

Eu matei a onça ontem.

9. Mĩg ten inh, rake tá

Onça matar 1p.sg., ontem.

Ontem, eu matei a onça.

2ª Pessoa do Singular

Pronome na posição do sujeito

9. Ā mĩ gār vā

2p.sg. posp milho carregar.

Você carregou milho.

Pronome na posição do objeto

(modelo)

10. Gĩr vỹ ã mỹ gār vā

Menino m. suj. 2p.sg. posp milho carregar.

O menino pegou milho para você.

Quando o sujeito da sentença é nominal e há objeto direto e indireto, a estrutura permanece SOV, como vemos nos exemplos 3 e 10. Os dois objetos posicionam-se entre o sujeito e o verbo e a posposição entre os objetos e não entre o objeto e o sujeito, como na sentença pronominal.

Entretanto, nos dados 8 e 9, percebemos que a estrutura que parecia ser a mais comum quando se tem uma sentença pronominal OVS muda quando nela há um advérbio. O advérbio parece atrair o pronome para junto de si, por isso, a sentença pode ter a estrutura padrão SOV, quando se posiciona o advérbio no início da sentença. O sujeito pronominal acompanha o advérbio.

Pronome na posição de sujeito

11. Ā mỹ gój mǎ

2 p.sg. posp água carregou

Você carregou água?

12. Gój mã ã

Água carregar 2 p.sg.

Você carregou água.

Pronome na posição de objeto

(modelo)

13. Gĩr vỹ ã mỹ gój vã

Menino m. suj. 2 p.sg. posp água carregar.

O menino carregou água para você⁶

(modelo)

14. Jũm vỹ mĩg tén

João m. suj. onça matar

João matou a onça

3ª Pessoa do Singular

Pronome na posição de objeto

15. João matou ela (a matou)

(sem resposta)⁷

(modelo)

16. Rãké tá Jũm vỹ mĩg fi ten

Ontem, João m. suj. onça fem. matar

João matou a onça ontem.

Pronome na posição de sujeito

17. Kamó tatĩn ti

Banana carregar 3 p.sg.

Ele carregou banana.

⁶ No dado nº. 13 tivemos que acrescentar que era “carregar, no balde”.

⁷ Ao tentar coletar o dado nº. 15, o informante desse dado falou que não se pode usar pronomes pessoais para animais, somente para pessoas. Fato confirmado por mais dois informantes.

Pronome na posição de objeto

18. Fi mý ti manýnyỹ vã

3 p.sg. posp 3 p.sg. banana carregar.

Ele carregou bananas para ela.

Pronome na posição de sujeito

19. Gār tu ti.

Milho carregar 3 p.sg.

Ele carregou milho.

Pronome na posição de objeto

20. Ti mý ti gār tỹ

3 p.sg. posp 3 p.sg. milho carregar (no cesto).

Ele carregou milho para ele.

Pronome na posição de sujeito

21. Mīg tãnh inh

Onça matar 1p.sg.

Eu matei a onça.

Pronome na posição de objeto

22. Fi tén inh

3 p.sg.matar 1p.sg.

Eu matei ela. (= Eu a matei)⁸

23. Räké tá inh fi tén

Ontem, 1p.sg. 3p.sg. matei.

Eu matei ela ontem. (= Eu a matei, ontem).

Pronome na posição de sujeito

24. No téj va inh

Espingarda pegar 1 p.sg.

Eu peguei a espingarda

⁸ O informante desde dado, disse que não se usa pronome pessoal para animais.

Pronome na posição de objeto

25. Fi va inh

3p.sg.pegar 1 p.sg.

Eu peguei ela. (= Eu a peguei).

Dos dados 2 a 25 foram usados verbos transitivos. Podemos perceber que a estrutura mais comum com o uso dos pronomes é OVS, pois ela ocorre nos dados 2, 4, 9, 12, 17, 19, 21, 22, 24, 25. Porém, quando na sentença há o pronome na posição de sujeito e na posição de objeto, a estrutura padrão Oi S OD V, como vemos nos dados 5, 6, 7, 18, e 20. O objeto indireto posiciona-se no início da sentença, seguido da posposição, como mostram estes exemplos. O objeto direto segue o sujeito da sentença.

Inicialmente, um dos informantes havia dito que não era possível o uso de pronomes para animais ou coisas/ objetos, porém, outro informante passou os dados 16, 22, 23 e 25. Quando ele usou o pronome {fi} para a palavra onça, o informante acrescentou que deduziríamos que {fi} era para onça, pelo contexto. Este fato foi confirmado, pois três informantes. Mas, alguns ainda traduziram a sentença para o kaingang, usando o pronome para animal e objetos. É preciso uma verificação posterior se isto ocorreu pelo próprio contexto da coleta de dados, ou se realmente não se usa pronomes para animais e objetos.

Pronome na posição de sujeito

26. Paula fi vỹ ěkrēnh sór mũ

Paula fem. m. suj. querer ind.a.

Paula está querendo caçar.

27. ěkrēnh sór fi mũ ũri (só se for hoje).

Querer caçar 3 p.sg.ind.a. hoje

Ela está querendo caçar, hoje.

Pronome na posição de objeto

28. Paula fi vỹ tóg fi mré ěkrēnh sór mũ

Paula fem. m. suj. suj. a. 3p.sg. posp querer caçar ind. a.

Paula está querendo caçar com ela.

Pronome na posição do sujeito

29. Ēkrēnh sór fi mū

Querer caçar 3p.sg. ind.a.

Ela está querendo caçar.

Pronome na posição de objeto

30. Ti mré fi tóg ěkrēnh sór mū

3 p.sg.posp 3p.sg.suj. ag. querer caçar ind.a.

Ela está querendo caçar com ele.

Nos dados 26 a 30, temos a locução verbal “querer caçar” e percebemos que a estrutura SOV, na sentença nominal, permanece. Na sentença pronominal, o objeto indireto parece sempre posicionar-se no início da sentença, seguido da posposição e logo após o sujeito da sentença, como vemos no dado 30.

Nas sentenças pronominais não vemos o uso das partículas, que geralmente aparecem nas sentenças nominais, marcando o sujeito, o modo, entre outros.

Com os exemplos acima, podemos verificar que o sujeito pode posicionar-se tanto no início como no meio ou no final da sentença.

Abaixo, seguem alguns exemplos dos pronomes, em kaingang no plural:

Posição de sujeito

31. Gār fān ěg

Milho colher 1p.pl.

Nós colhemos milho.

Posição de Objeto

32. Ũn gré vỹ ěg mỹ gār tu.

Homem m. suj. 1p.pl. posp milho carregar.

O homem carregou milho para nós.

Posição de sujeito

33. Mīg tãnh ēg

Onça matar 1p.pl.

Nós matamos a onça.

Posição de Objeto

34. Ũn gré vỹ ēg mỹ mīg tãnh

Homem m. suj. 1p.pl. posp onça matar.

O homem matou a onça para nós.

Posição de Sujeito

35. No téj va ãjag

Espingarda pegar 2p.pl.

Vocês pegaram a espingarda.

Posição de Objeto

36. Ũn gré vỹ ēg mỹ no va

Homem m. suj. 1p.pl. posp espingarda carregar.

O homem pegou a espingarda para vocês

Na sentença com sujeito nominal e com a presença de dois objetos (direto e indireto), o sujeito inicia a sentença e os objetos ficam separados pela posposição S Oi posp. Od V, como vemos nos dados 32, 34, 36.

Posição de Sujeito

(modelo)

37. Ēkréh tĩ ag vỹ mīg ag

Caçadores pl. m. suj onça m. pl.

Os caçadores mataram as onças.

Posição de Sujeito

38. Mīg ag kygrē ag

Onça pl. matar 3p.pl.

Eles mataram as onças.

Posição de Objeto

39. Eles mataram elas (as mataram).

(Sem resposta)

Posição de Sujeito

40. Gār rĩ ag

Milho carregar 3p.pl.

Eles carregaram milho

Posição de Objeto

41. Fag mĩ inh kamó tatĩn

3p.pl. posp 1p.sg. bananas carregar.

Eu carreguei bananas para elas.

Posição de Sujeito – Frase Nominal

(modelo)

42. Manoel mré Jandira fag vỹ kamó tatĩn

Manoel com Jandira (casal) m.suj. bananas carregar

Manoel e Jandira carregaram bananas.

Posição de Sujeito

43. Kamó tatĩn fag

Bananas carregar 3p.pl./casal

Eles (o casal) carregaram bananas.

Posição de Objeto

44. Vēnh mĩ fag manỹnỹ gé

Pron. ref. posp 3p.pl.(casal) banana levar

Eles (o casal) carregaram bananas para eles

Posição de Sujeito

45. Kamó tatĩn ag

Bananas carregar 3p.pl.

Eles carregaram bananas

Os verbos usados nestes dados com pronomes pessoais no plural são transitivos e podemos verificar que a mesma estrutura acontece com as sentenças com sujeito pronominal OVS, como vemos nos dados 31, 33, 35, 38, 40, 43 e 45.

Posição de Objeto

46. Fag mÿ ag kamó tatĩn

3p.pl. posp 3p.pl. bananas carregar

Eles carregaram banana para elas

Posição de Objeto

47. Fag mÿ ti kamó tatĩn

3p.pl. posp 3.p.sg. bananas carregar

Ele carregou banana para elas

Na verificação dos pronomes na posição de objeto, observamos que o sujeito posiciona-se entre os objetos da sentença, assim como nos pronomes no singular, sendo sempre o objeto indireto o que inicia a sentença. Este fato se baseia nos dados: 41, 46 e 47.

Como nos dados de 1 a 30, não se vêem partículas, algo tão comum e freqüente nas sentenças nominais. Nos exemplos acima, não se vêem o uso de partículas nas sentenças pronominais.

7.2 PRONOMES POSSESSIVOS

Os pronomes possessivos indicam posse sobre o nome ao qual se referem. Porém, eles funcionam, na verdade, como adjetivos e determinam, predicam este nome. Eles são formas adjetivas dos pronomes pessoais, propriamente ditos. Eles possuem caráter determinador, definidor, individualizador.

Os pronomes possessivos em kaingang são os mesmos pronomes usados como pessoais. Possuem a mesma forma, porém, funções diferentes, conforme a posição na locução nominal.

1ª p. sg. Inh/ Isỹ - 1 p. poss. sg.⁹

1ª p. pl. Ęg- 1 p. poss. pl.

2ª p. sg. Ā- 2 p. poss. pl.

2ª p. pl. Ājag- 2 p. poss. pl.

3ª p. sg. Ti/ Fi- 3 p. poss. sg.

3ª p. pl. Āg/Fag – p. poss. pl.

Vejamos alguns exemplos dos pronomes possessivos no singular e no plural. Nas sentenças, foram utilizados verbos transitivos, intransitivos.

- Vyr- ir (transitivo)
- Góv/ Góvgóv – quebrar (intransitivo).
- Gãm/ Gógãm - quebrar (transitivo).
- Jar/ Janjar (intransitivo)
- Jan/ Janjãn (transitivo).
- Jarn ké - rasgar (transitivo)

1ª pessoa do singular (meu/minha)

Posição de sujeito

48. Ijóg vỹ ãn jě¹⁰

1 p. poss.sg- pai m. suj. casa ind.a.

Meu pai tem casa.

A partícula {vỹ} foi usada com este pronome possessivo {ijóg}, como vemos neste dado de nº 48 e veremos no dado 51.

Posição de objeto

49. Ijóg ãn ra inh vyr¹¹

1 p. poss sg- pai casa posp 1p.sg. ir.

Eu fui à casa do meu pai.

⁹ Temos o pronome {Isỹ} como um possessivo ({I} + {sỹ}), será explicado posteriormente.

¹⁰ Temos a palavra {Ijóg}, neste dado. O prefixo {I}, “parte do pronome de 1ª pessoa do singular”, juntou-se à palavra “jóg” (pai). Poderíamos supor que ocorre o processo de prefixação de posse inalienável. A prefixação, segundo Bechara (2001), Cunha e Cintra (1985), é um dos processos de formação de palavras que consiste na adição de um prefixo ao tema, com a função de formar uma nova palavra. O termo inalienável usado em análise gramatical indica um tipo de relação permanente ou extremamente necessária entre o item e o seu possuidor. Porém, temos poucos dados para provar esta hipótese.

¹¹ No dado nº 51. O {I} do {Ijóg} é possessivo.

50. Inh nỹ fi ãn ra inh vyr.

1p.poss.sg. mãe fem. casa posp 1p.sg. ir.

Eu fui à casa da minha mãe.

Conforme este dado, percebemos que o pronome {inh} ocorre com a mesma forma fonológica, para expressar tanto o pronome pessoal quanto o pronome possessivo. Como pronome possessivo, {inh} se posiciona antes do núcleo SN objeto e como pronome pessoal ocorre antes do verbo como núcleo do SN sujeito - SOV.

Posição de sujeito

51. Ijóg vỹ ãn tũ nĩ¹²

1p. poss.sg.-pai m. suj. casa não.

Meu pai não tem casa.

52 (a). Isỹ vẽ, kre tag ti

1 p.poss.sg. ind.a., cesto pron. dem. (este).

Este cesto é meu.¹³

Em texto narrativo – usa-se a partícula {vỹ}

52. (b) Kre tag vỹ tỹ isỹ nĩ.

Cesto pron. dem. m. suj. ind.top. 1 p.poss.g. ind.a.

Este cesto é meu.

Neste dado nº 52 (a/b), temos como pronome possessivo a palavra {Isỹ} como pronome possessivo de 1ª pessoa do singular. O pronome posicionou-se tanto no início da sentença (seguido da partícula vẽ) como no final (seguido da partícula de aspecto nĩ).

¹² Com os dados 48 e 51, não foram usados verbos, mas temos os indicadores de aspecto {je} e {nĩ}, que, segundo Wiesemann (2002), indicam posse. A estrutura em kaingang destes dados é S O.

¹³ Este exemplo 52 foi dado como resposta à pergunta “De quem é este cesto”? “Ũ tũ nẽ, kre ãn ti”.

Posição de sujeito

53. Inh pratu vỹ góv

1 p.poss.sg. prato m. suj. quebrar

Meu prato quebrou.

Posição de objeto

54. Gĩr vỹ inh pratu gãm

Menino m. suj. 1p.poss.sg. prato quebrar

O menino quebrou meu prato

Posição de sujeito

55. Inh pratu ag góv góv

1p.poss. sg. prato pl. quebrar (pl.)

Meus pratos quebraram

Posição de objeto

56. Gĩr vỹ inh pratu ag gógãm

Menino m. suj 1p.poss.sg. prato pl. quebrar (pl.)

O menino quebrou meus pratos.

Posição de sujeito

57. Inh tēja vỹ jar

1p.pos.sg. rede m. suj. rasgar (sg.)

Minha rede rasgou

Posição de objeto

58. Gĩr vỹ inh tēja jan

Menino m. suj. 1p.poss.sg. rede rasgar (sg.)

O menino rasgou minha rede

Nos dados 53 a 58, o pronome de 1ª pessoa do singular {inh} posicionou-se antes do núcleo do SN sujeito e do núcleo SN objeto: inh pratu, inh tēja.

Posição de sujeito

59. Inh tēja ag vỹ janjar

1p. poss.sg. rede pl. m. suj. rasgar (pl.)

Minhas redes rasgaram

Posição de objeto

60. Gĩr vỹ inh tēja ag janjã

Menino m. suj. 1p.poss.sg. rede pl. rasgar (pl.)

O menino rasgou minhas redes

2ª pessoa do singular – (seu/sua/de você)

a) Seu (de você)

Posição de sujeito

61. Ā pratu vỹ góv

2 p.poss.sg. prato m. suj. quebrar (pl.)

Seu prato quebrou

Posição de objeto

62. Gĩr vỹ ã pratu gãm

Menino m. suj. 2 p.poss.sg prato quebrar (sg.)

O menino quebrou seu prato

b) Seus (de você)

Posição de sujeito

63. Ā pratu ãg vỹ góvgóv

2 p.poss. sg prato pl. m. suj. quebrar (pl.)

Seus pratos quebraram

Posição de objeto

64. Gĩr vỹ ã pratu ag gógãm

Menino m. suj. 2 p.poss. sg prato quebrar (pl.)

O menino quebrou seus pratos

c) Sua (de você)

Posição de sujeito

65. Ā tēja vỹ jar

2 p.poss.sg rede m. suj. rasgar (sg.)

Sua rede rasgou

Posição de objeto

66. Gĩr vỹ ã tēja jan

Menino m. suj. 2 p.poss.sg rede rasgar (sg.)

O menino rasgou sua rede

d) Sua

Posição de sujeito

67. Ā tēja ag vỹ janjar

2 p.poss.sg rede pl. m. suj. rasgar (pl.)

Suas redes rasgaram

Posição de objeto

68. Gĩr vỹ ã tējá janjã

Menino m. suj. 2 p.poss.sg rede rasgar (sg.)

O menino rasgou suas redes

Os dados 61 a 68 demonstram o pronome de 2^a pessoa do singular {ã} como pronome possessivo (de você) e o mesmo ocorre em seu posicionamento, ou seja, antes do núcleo do SN sujeito: “Ā pratu vỹ...” (nº. 61) e antes do núcleo do SN objeto “ã pratu gãm” (nº.62), “Ā tēja vỹ” (65) e “ã tēja jan/ janjã” (nº. 66 e 68).

Consideramos o morfema {ag}, nos dados 63, 64, 67, como morfema de plural e não como pronome. Podemos verificar que, em kaingang, a forma {ag} é usada tanto como pronome de terceira pessoa do plural como morfema de plural.

Para a verificação do {ag} como morfema de plural em kaingang, faremos uma análise comparativa com os dados 37 e 38.

37. Ēkrénh tĩ ag vỹ mĩg ag

caçadores pl. m. suj onça m. pl.

Os caçadores mataram as onças.

Para a formação da palavra “caçadores”, foi usado o {ag} como morfema sufixal de plural. O mesmo acontece para pluralizar a palavra {mĩg} - onça.

38. Mĩg ag kyggrē ag

Onça pl. matar 3 p.pl.

Eles mataram as onças.

O morfema {ag} após a palavra {mĩg} ocorre como morfema sufixal de plural. Na mesma sentença, temos o {ag} como pronome de terceira pessoa do plural – “eles”.

Portanto, podemos verificar que na língua kaingang temos a mesma forma fonológica para o pronome de terceira pessoa {ag} e o morfema sufixal de plural {ag}.

3ª pessoa do singular (dele/dela)

Posição de sujeito

69. Ti pratu vỹ góv

3 p. poss.sg. prato m. suj. quebrar (sg.)

O prato dele quebrou.

Posição de objeto

70. Gĩr vỹ ti pratu gãm

Menino m. suj. 3 p. poss.sg. prato quebrar (sg.)

O menino quebrou o prato dele

Posição de sujeito

71. Fi tēja vỹ jar

3 p. poss.sg. rede m. suj. rasgar (sg.)

A rede dela rasgou

Posição de objeto

72. Gĩr vỹ fi tējá ty jarn ké

Menino m.suj. 3 p.poss. sg. rede ? rasgar (sg.)

O menino rasgou a rede dela.

73. Ti ĩn ra ti vyr

3 p. poss.sg. casa posp 3 p. sg. ir.

Ele foi para casa dele

74. Vim ke tĩ vỹ pirāsam

Pescador ind.a. m.suj. peixe

O pescador pescou um peixe.

75. Vim ke tĩ vỹ pirã tỹ ti nỹ fi mỹ nĩm

Pescador ind.a. m. suj. peixe ? 3 p. poss.sg. mãe fem. posp dar.

O pescador deu um peixe para mãe dele.

76. Manuel vỹ ti ĩn penjĕg

Manuel m. suj. 3 p. poss.sg. casa começar (sg.)

O Manuel começou a casa dele.

77. Ti ĩn pĕnjĕg ti

3 p. poss.sg. casa começar (sg.) 3 p. sg..

Ele começou a casa dele.

(modelo)

78. Jandira fi mǎrtĕra vỹ vǎfor

Jandira m.f. martelo m. suj. sumir (sg.)

O martelo da Jandira sumiu

79. Ti mǎrtĕra vỹ vǎfor

3 p. poss. sg. martelo m.suj. sumir (sg)

O martelo dele sumiu.

O pronome possessivo de 3ª pessoa do singular {ti} “seu” e {fi} “sua” indicam posse, posicionando-se antes do núcleo SN sujeito e do núcleo SN objeto, conforme os dados 69, 71 (núcleo SN sujeito) e 70, 72, 73, 75, 76 77, 79 (núcleo SN objeto). O morfema {fi} ocorre como pronome possessivo quando antecede o nome, como observamos no dado 71. Mas, quando segue o nome, funciona como marca de gênero feminino, como vemos no dado 78.

Nos dados nº 78 e 79, verificamos que o nome do possuidor antecede o objeto possuído “Jandira fi mǎrtéra...”. Podemos levantar a hipótese de que, conforme estes dados, tanto o nome como seu respectivo pronome antecedem o objeto possuído. A estrutura destas sentenças é semelhante:

78. Jandira fi mǎrtéra vỹ vǎfor

Jandira m.f. martelo m. suj. sumir (sg.)
O martelo da Jandira sumiu

SV

79. Ti mǎrtéra vỹ vǎfor

3 p. poss. sg. martelo m.suj. sumir (sg)
O martelo dele sumiu.

SV

1ª pessoa do plural (Nosso/nossa)

Posição de sujeito

80. Ęg pratu vỹ góv

1 p.poss. pl. prato m. suj. quebrar (sg.)
Nosso prato quebrou

Posição de objeto

81. Gĩr vỹ ěg pratu gǎm

Menino m. suj. 1 p.poss. pl. prato quebrar (sg.)
O menino quebrou nosso prato

Posição de sujeito

82. Ęg tēja vỹ jar

1 p.poss. pl. rede m. suj. rasgar (sg.)
Nossa rede rasgou.

Posição de objeto

83. Gĩr vỹ ěg tēja gãm

Menino m. suj. 1 p.poss. pl. rede rasgar (sg.)

O menino rasgou nossa rede.

Posição de sujeito

84. ěg tēja ag vỹ janjar

1 p.poss. pl. rede pl. m. suj. rasgar (pl.)

Nossas redes rasgaram.

Posição de objeto

85. Gĩr vỹ ěg tēja ag janjãn

Menino m. suj. 1 p.poss. pl. rede pl. rasgar (pl.)

O menino rasgou nossas redes.

O pronome possessivo de 1ª pessoa do plural é {ěg} e nos dados 80 a 85 podemos verificar que, assim como os demais pronomes em kaingang, ele se posiciona antes do núcleo do SN sujeito e antes do SN objeto. Também, com estes dados, não se verifica a concordância com o núcleo pluralizado, como se vê nos dados 84 e 85. A reduplicação verbal é a marca de plural do verbo, como veremos nos dados 94 e 95. Conforme Cavalcante (1987), uma das formas da pluralização verbal em kaingang é a reduplicação da última sílaba do tema verbal.

2ª pessoa do plural (de vocês)

Posição de Sujeito

86. Ājag tēja vỹ jar

2 p.poss.pl. rede m. suj. rasgar (sg.)

A rede de vocês rasgou

Posição de Objeto

87. Gĩr vỹ ājag tēja jan

Menino m. suj. 2 p.poss.pl. rede rasgar (pl.)

O menino rasgou a rede de vocês.

Posição de Sujeito

88. Ājag pratu ag vỹ gógóv

2 p.poss. pl. prato pl. m. suj. quebrar (pl.)

Os pratos de vocês quebraram.

Posição de Objeto

89. Gĩr vỹ ājag pratu ag gógãm

Menino m. suj. 2 p.poss.pl. prato pl. quebrar (pl.)

O menino quebrou os pratos de vocês.

Como vemos nos dados 86 a 89, o pronome possessivo de 2ª pessoa do plural é {ājag} e ocorre como pronome “de vocês”. Seu posicionamento na sentença, em kaingang, também é antes do núcleo SN sujeito e antes do núcleo SN objeto. Nestes dados o nome “rede” {-tēja} está no singular, podendo significar que a rede é de todos e ela foi rasgada. Nos dados 90 e 91, como o nome rede está pluralizado pelo morfema {ag}, o significado é que cada um possui a sua rede e todas elas foram rasgadas.

Portanto, até aqui podemos verificar que o morfema {ag} funciona como:

- Morfema de plural;
- Pronome pessoal de 3ª pessoa do plural e função de pronome possessivo.

Posição de Sujeito

90. Ājag tēja ag vỹ janjar

2 p.poss.pl. rede pl. m. suj. rasgar (pl.)

As redes de vocês rasgaram.

Posição de Objeto

91. Gĩr vỹ ājag tēja janjãn

Menino m. suj. 2 p.poss.pl. rede rasgar (pl.)

O menino rasgou as redes de vocês

3ª pessoa do plural (deles/delas)

Posição de Sujeito

92. Ag pratu vỹ góv

3 p.poss. pl. prato m. suj. quebrar (sg.)

O prato deles quebrou.

Posição de Objeto

93. Gĩr vỹ ag pratu gãm

Menino m. suj. 3 p.poss.pl. prato quebrar (sg.)

O menino quebrou prato deles.

Posição de Sujeito

94. Ag pratu vỹ gógóv

3 p.poss.pl. prato m. suj. quebrar (pl.)

Os pratos deles quebraram

Posição de Objeto

95. Gĩr vỹ ag pratu gógãm

Menino m. suj. 3 p.poss. pl.prato quebrar (pl.)

O menino quebrou os pratos deles.

Como pronome possessivo, sua posição, na sentença, é antes do núcleo SN sujeito e antes do núcleo SN objeto, como se verifica nos dados 92 a 95.

Posição de Sujeito

96. Fag tēja vỹ jan

3 p.poss.pl.rede m. suj. rasgar (sg.)

A rede delas rasgou. Posição de Objeto

97. Gĩr vỹ fag tējá jan

Menino m. suj. 3 p.poss. pl. rede rasgar (sg.)

O menino rasgou a rede delas

O posicionamento na sentença do pronome de 3ª pessoa do plural {fag} é antes do núcleo SN sujeito e antes do núcleo SN objeto, como vemos nos dados 96 e 97.

Posição de Sujeito

98. Fag tēja vỹ janjar

3 p.poss. pl. rede m. suj. rasgar (pl.)

As redes delas rasgaram.

Posição de Objeto

99. Gĩr vỹ fag tēja janjar

Menino m. suj. 3 p.poss.pl. rede rasgar (pl.)

O menino rasgou a rede delas.

Os pronomes possessivos de 3ª pessoa, tanto do plural como no singular, diferenciam-se dos demais, em relação à concordância de número e também em relação ao gênero. Todos os outros apresentam a mesma forma tanto para o masculino como para o feminino, como podemos verificar nos dados 53 e 55, 56 e 58, 61 e 65, 69 e 71, 80 e 82, 88 e 90. Já os pronomes de 3ª pessoa do singular e do plural são os únicos que apresentam duas formas diferentes, a forma do pronome feminino e a forma do pronome no masculino, como vemos abaixo:

- Ti- 3 p.sg./ 3p.pess.sg.;
- Fi- 3 p.sg./ 3p.pess.sg (fem.);
- Ag- 3 p.pl./3 p.pess. pl.;
- Fag- 3 p.pl/p.pess.pl. (fem).

7.3 PRONOMES INTERROGATIVOS

Entre os pronomes, há os que se usam para interrogar o que não se é definido. Em português, são usadas palavras como: que, quem, quando, quanto, quem, qual. Podem ocorrer interrogações diretas ou indiretas: “Como você voltou?” ou “Quis saber como você voltou.”

Da mesma forma, os pronomes interrogativos em kaingang são usados nas perguntas de informações em geral. São eles:

- Û - quem
- Ne - O que
- Hě - o qual

Algumas sentenças foram coletadas, a fim de verificar como se comporta a estrutura frasal com estes pronomes. Vejamos abaixo alguns exemplos:

Primeiramente, vamos analisar o pronome interrogativo “o que?”

{ne}:

a) Com a 1ª pessoa do singular

100. Inh ne han

1p.sg. pron. int. fazer

O que eu fiz?

101. Ā mū ijỹ fi mỹ isỹ ne han ja to

2.p.sg. ind.a. mãe fem. posp 1p.sg. pron. int fazer ind. m.

Você disse para minha mãe o que eu fiz?

102. Inh hã ne vėnh mỹ han

1.p.sg.ind. o. pron. int pron. ref. posp fazer

O que eu fiz para mim mesmo?

b) Com a 2ª pessoa do singular

103. Ā tỹ ne han ně

2p.sg. ind. top. pron. int fazer ind.a.

O que você está fazendo?

(modelo)

104. Mário vỹ ã mỹ ne han

Mario m. suj. você posp pron. int fazer

Mário fez o que para você?

105. Ti ã mĩ ne han ‘

3p.sg. 2p.sg. posp. pron. int fazer

Você fez o que para ele?

106. Ti tỹ ã mĩ ne han

3p. sg. ind top. 2p.sg. posp pron. int fazer

Você está fazendo o quê para ele?

c) Com a 3^a pessoa do singular

107. Ne nẽ?

pron. int ind.a. O que é?

108. Ne hã vỹ nĩ

O que ind. o. m.s. ind.a. (redondo)

O que é isto?

109. Â mỹ ti tỹ ne han mũ ki kanhró

2p.sg. ind. p. 3p.sg. ind. top. pron. int fazer ind. a. saber

Ele sabe o que você está fazendo?

110. Mesa tỹ hẽ krēm

Mesa ind. top. pron. int embaixo?¹⁴

Debaixo de qual mesa?

111. Isỹ ne han ke tóg tũ tĩ

1p.sg. pron. int fazer fut. ind. suj. ag. não ind.a.

Eu não sei o que fazer.

112. Ti tá ne han ke mũ nĩ

3p.sg. lá pron. int fazer fut. ind. m. ind. a.

O que ele costuma fazer lá?

¹⁴ No dado 110, não podemos considerar {krēm} como verbo, pois seu significado, segundo Wiesemann (2002) como verbo é estar abaixo em posição de hierarquia, como por exemplo, “abaixo do cacique”, não usado com objetos, seres inanimados.

d) Com a 1ª pessoa do plural - NÓS

113. Ęg hŷn ne han

1p.pl. ind.a. pron. int. fazer

O que nós fizemos?

114. Mario vŷ ěg mŷ ne han

Mario ind. suj. 2p.pl. posp pron. int. fazer

Mário fez o que para nós?

e) Com a 2ª pessoa do plural – VOCÊS

115. Ājāg ne han

2p.pl. pron. int. fazer

Vocês fizeram o quê?

116. Mario vŷ ājag mŷ ne han

Mario ind.suj. 2p.pl. posp pron.int. fazer

O que Mario fez para vocês?

f) Com 3ª pessoa do plural – ELES

117. Ag hŷn ne han

3p.pl. ind.a. pron. int. fazer

Eles fizeram o quê?

118. Mário hŷn ag mŷ ne han

Mario ind.o. 3p.pl. posp pron. int. fazer

Mário fez o quê para eles?

Nas sentenças de nº: 100, 101, 102, 103, 104, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118 temos a estrutura S (O) Pr. Int. V. Verificamos que nelas, o sujeito sendo pronominal ou nominal, tendo ou não objeto, o pronome interrogativo posicionou-se sempre ao lado do verbo da sentença.

Nas sentenças 105, 106 e 109, a estrutura foi O S V, mas o pronome interrogativo {ne} permaneceu próximo ao verbo.

Não estudamos as partículas neste trabalho, mas um fato importante

surgiu ao coletarmos as sentenças com o uso do pronome interrogativo {ne}. Nas sentenças dadas, o informante nos disse que dependendo da forma do objeto apontado, a pergunta usaria uma partícula diferente. Por isso, estes dados têm quase a mesma estrutura, diferenciando, somente a última partícula: Pron. int. + part. + m.s. + part. Também podemos verificar que é usada a partícula marcadora de sujeito, que é comum somente após os nomes. Neste caso, o pronome interrogativo {ne} funciona como um pronome substantivo.

108. Ne hã vỹ nĩ

O que ind. o. m.s. ind.a. (redondo)

O que é isto?

108. (a) Ne hã vỹ jẽ

O que in.d.o. m.s. ind.a. (em pé)

O que é isto?

108. (b) Ne hã vỹ nã

O que in.d.o. m.s. ind.a. (comprido)

O que é isto?

108. (c) Ne hã vỹ nĩ

O que in.d.o. m.s. ind.a. (deitado)

O que é isto?

O pronome interrogativo “quem” em kaingang é {Ũ}. Abaixo, seguem alguns dados coletados a fim de analisarmos sua posição na estrutura frasal desta língua.

119. Ũ nẽ ã jiji

pron. int ind.a. 2p.sg. nome

Quem nome é você? (= Como você chama?).

120. Ā ũ mỹ presente ti nĩm

2p.sg. pron. int posp presente fem. dar

Você deu o presente para quem?

121. Ũ tỹ hẽ nỹ

pron. int ind. top. pron. int suj. top.

Foi quem?

122. Ũ nẽ

pron. int ind.a.

Quem é?

123. Ũ ĩn nẽ

pron. int casa ind.a.

É a casa de quem?

124. Ũ, tỹ nẽ

pron. int, ind. top. ind.a.

É a coisa de quem?

125. Kre ěn vỹ tỹ ũ tũ nĩ

Balaio pron. dem. m. suj. ind. top. pron. int. coisas ind.a.

Aquele balaio é de quem?

126. Manoel mré Jandira fag ĩn ěn han

Manoel posp Jandira (casal) casa pron.dem. fazer

Manoel e Jandira construíram a casa.

127. Ũ nỹ ĩn ěn han

Pron. int ind. s. top. casa pron.dem. fazer

Quem construiu aquela casa?

128. Ũn regre fag ãn ãn ti han

Os dois (casal) casa pron.dem. fazer.

Ambos (Manoel e Jandira) construíram a casa.

129. Ũ nỹ ã mỹ tag han

pron. int ind. top 2p.sg. posp pron.dem. fazer¹⁵

Quem fez isto para você?

130. Ũ tũ nẽ, kre tag ti

Pron. int coisas ind.a., cesto pron.dem.

De quem é este cesto?

131. Ũ tũ nẽ, kre ãn ti

Pron. int. coisas ind.a., balaio pron.dem.

De quem é este balaio?

O pronome interrogativo {ũ} (quem) pode posicionar-se das seguintes formas:

- No início da sentença como nos dados de nº: 119, 121, 122, 124, 127, 129, 130, 131;
- Após o sujeito, como no dado nº. 120;
- Na mesma posição de um pronome possessivo, antes do nome, quando se pergunta quem o possui, como vemos nos dados 123 e 125.

Observamos que houve uma combinação deste pronome interrogativo {ũ} e o numeral dois {regre} no dado 128: “Ũn régre”, para se referir ao casal “Manuel e Jandira”, citados no momento da coleta deste dado.

Hẽ – Qual

132. Ũ tỹ hẽ nẽ

Pron. Int. ind. top. pron. int. ind.a.

Qual é?

¹⁵ Nỹ- indicador de sujeito tópico na pergunta, segundo Wiesemann (2002).

132. (a) Īn tỹ hẽ nẽ

Casa ind. top. pron. int. ind.a.

Qual é a casa?

133. Jandira fi mỹ kanhgág ěn fi ki kanhró nĩ

Jandira fem. ind. p. kaingang pron. dem. fem. saber ind. a.

Jandira sabe sobre aquela kaingang?

134. Ti hẽ ri ke tũ

3p.sg. pron. int igual coisas

Como ele é?

135. Ā mỹ ti jykre ki kanhró nĩ

2p.sg. ind. p. 3p.sg. costume saber ind. a.

Você sabe como ele é? (Você sabe o jeito dele?).

136. Hẽ kã tá

Pron. int adv.

Aonde/ De onde? (literalmente= Qual dentro?).

137. Jandira fi, fi fĕgja ki kanhró nĩ

Jandira fem., 3p.sg. ? saber ind. a.

Jandira sabe de onde ela é.

138. Hẽ kã

Pron. int dentro de

Em que?

139. Jandira fi ĩn tỹ hẽ tá kasor jĕg ki kanhró nĩ

Jandira fem. casa ind. top. pron. int. longe cachorro ? saber ind. a.

Jandira sabe em qual casa o cachorro está.

140. Īn tỹ hẽ krĕn ģ ěmã nĩ

Casa ind. top. pron. int. ? 2p.sg. morar ind.a.

Em qual casa você mora?

141. Ā m̃ inh ĩn ki kanhró nĩ

2p.sg. ind. p. 1p.sg. casa saber ind. a.

Você sabe qual é minha casa?

O pronome interrogativo “qual” {hẽ}, com base nos dados acima, pode posicionar-se das seguintes formas:

- No final da estrutura frasal como no dado 132 e 132(a).
- No dado 132, verificamos que pode ele (hẽ) pode ser usado numa mesma sentença com outro pronome interrogativo {ũ};
- No início da estrutura frasal como nos dados 134 (após o sujeito pronominal), 136 e 138;
- Na estrutura canônica S O V, no dado n 139 ele posiciona-se entre o sujeito e verbo.

Não foi usado o pronome interrogativo nos dados de nº 133, 135, 137 e 141, onde temos o verbo “ki kanhró” (saber), da mesma forma que não foi usado com o verbo “katĩg” (não saber), no dado 111.¹⁶

No dado 134, há o pronome {hẽ}, podemos observar que ele também tem o significado de “como”.

Segundo Wiesemann (2002, p. 24), o pronome interrogativo {hẽ} quando próximo de um advérbio de lugar, significa “onde/ aonde” (exemplos 136 e 138).

7.4 PRONOMES INDEFINIDOS

Os pronomes indefinidos, assim como o próprio nome já diz, transmitem incerteza. Em português temos os pronomes indefinidos apenas substantivos: alguém, ninguém, outrem, algo, nada, tudo. Estes podem ocorrer como

¹⁶ Será preciso coletas posteriores com uso destes verbos: {ki kanhró} -saber e {ki katĩg} - não saber, para verificação se eles são verbos que restringem pronomes interrogativos.

substantivos ou adjetivos: nenhum, muito, pouco, bastante, todo (s), outro (s), vários; os somente adjetivos: cada, certo, qualquer; os advérbios: algures (em algum lugar) alhures (em outro lugar), nenhures (em nenhum lugar), sempre, nunca, outrora, pouco/ muito e as locuções pronominais indefinidas: cada qual, cada um, qualquer um e qualquer outro.

Em inglês, os pronomes indefinidos são: anyone, someone, somethinh, anything. O morfema {- one} dá a idéia de indeterminação e o morfema {thing} a idéia da pessoa.

Em Francês temos quelqu'un, onde quelq (alguém) e un (um)= alguém, quelque chose, quelque (alguém) + chose (coisa)= algo/ alguma coisa.

Em kaingang os pronomes indefinidos são:

- Ū= alguém.
- Věnh= de alguém.
- Ag kar= Todos¹⁷

Os dados coletados para descrição destes pronomes são:

142. Ū nẽ vỹ fỹ

Pron. ind. ind.a. m. suj. chorar

Alguém chorou

143. Ū vỹ fỹ tũ nĩ

Pron. ind. m.suj. chorar neg. ind.a.

Ninguém chorou. (lit. Alguém não chorou).

(modelo)

144. Jandira fi vỹ garĩnh totón.

Jandira fem. m. suj. galinha fritar (sg).

Jandira fritou galinha.

¹⁷ Este pronome não está na lista dos pronomes indefinidos no dicionário de Wiesemann (2002)

145. Jandira fi nén ũ totón tũ nĩ

Jandira fem. coisa pron. ind. fritar neg. ind.a.

Jandira nada fritou. (lit. Jandira não fritou coisa alguma).

146. Ũ kasoro nẽ

Pron. ind. cachorro ind.a.

De quem é este cachorro?

147. Vẽnh nũg vẽ

Pron. ref. barriga ser

É barriga de alguém

148. Ũ vëg tũ inh nĩ

Pron. ind. ver (sg.) não 1 p.sg. ind. a.

Eu não vi ninguém.

149. Ũ fỹ ja ki isóg kanhró nĩ

Pron. ind. chorar ind. m. ? suj. ag. saber ind. a.¹⁸

Eu sei que alguém chorou.

150. Ũ fỹ mëg isóg mũ

Pron. ind. chorar escutar ind. ag. ind.a.

Eu ouvi alguém chorando.

151. Ũ kre nẽ hỹn

Pron. ind. cesto ind. a. ind. o.¹⁹

Este cesto é de alguém?

152. Ũ vỹ garinh tótor tũ nĩ

Pron. ind. m.suj. galinha fritar neg. ind.a.

Ninguém fritou galinha.

¹⁸ No dado 149- {jã} indicador de modo algo já terminado.

¹⁹ Indicador de opinião= de certo, provavelmente.

153. Īn ka ki ti nén tũ tavĩ nĩ

Casa dentro de masc. coisa neg. ind. m. ind. a.

Nada ficou na casa.

154. Ag kar vỹ ĩn krēm nỹtĩ

Eles todos m.suj. casa adv. ind. a.

Todos ficaram na casa.

155. Ag kar vé inh ĩn krēm²⁰

Eles todos ver 1p.sg. casa adv.

Eu vi todos na casa.

156. Īn krēm inh ag kar vé

Casa adv. 1p.sg. eles todos ver

Eu vi todos na casa casa.

157. Vējēn vỹ tũ kãn

Alimento m.suj. coisas acabar

Toda comida acabou.

158. Tũg kãn ti

Acabar alimento pron.dem.

Tudo acabou.

159. Tỹ ti ũ e kãn

Suj. top. 3p.sg. coisas de alguém muito acabar.

Ele acabou com tudo.

160. Vējēn ko kãn ti

Alimento comer acabar 3p.sg.

Ele comeu toda comida.

²⁰ Krēm (adv.) = embaixo. As casas, usadas ao coletar estes dados, estavam abaixo do local de onde eu e meu informante estávamos

Conforme os dados acima, podemos dizer que o pronome indefinido em kaingang {ũ} possui algumas características que o difere dos demais. Uma delas é a presença de uma partícula que marca o sujeito, a partícula {vỹ}. Nos dados de nº 142, 143, 152 e 154 verificamos que o pronome interrogativo {ũ} funciona como um pronome substantivo, pois ele possui a partícula marcadora de sujeito {vỹ}, que é dada somente aos nomes, em kaingang. Esta partícula é uma das estruturas presentes em orações nominais, como vemos nos dados de nº 1, 3, 10, 13, 14, 16, 26, 28, 32, 34, 36, 37, 42, 48, 51, 53, 54, 56, 58, 60, de 61 a 68, 69 a 72, 74, 75, 76, 66,78, etc. As sentenças pronominais em que se usou a partícula {vỹ} tinham verbos intransitivos: {fỹ} - chorar (afirmativas e negativas), e o verbo {totór} – fritar (negativa), como veremos abaixo. Talvez, na língua kaingang, o pronome indefinido {ũ} seja tratado como nome e não como pronome.

142. ũ nē vỹ fỹ

Pron. ind. ind.a. m. suj. chorar

Alguém chorou

143. ũ vỹ fỹ tũ nĩ

Pron. ind. m.suj. chorar neg. ind.a.

Ninguém chorou.

152. ũ vỹ garinh tótor tũ nĩ

Pron. ind. m.suj. galinha fritar neg. ind.a.

Ninguém fritou galinha.

Em alguns dados, podemos observar que a partícula marcadora do sujeito {vỹ} não ocorre em todas as sentenças com pronome indefinido, pois nos dados 146, 147, 148, 149, 150, 151 e 153 ela não aparece. Nestes dados há sentenças de negação (145, 148, e 153), interrogativas (146 e 151), com a partícula indicadora de aspecto {vẽ} (147), {nĩ} (146, 149 e 153).

Nota-se também que em todos os exemplos em que foi usado o pronome indefinido {ũ}, ele foi o primeiro constituinte da sentença. (142, 143, 146, 148, 149, 150, 151 e 152). Nestas sentenças também temos a ordem oracional S V (142, 143 e 148), S O V (152), que é a estrutura padrão, principalmente, em

sentenças com sujeito nominal.

A maioria das sentenças que utilizaram os outros pronomes indefinidos, possui a mesma estrutura padrão SOV, como vemos nos dados 147 {vẽnh}, 154 e 156 {ag kar}, que é a estrutura canônica.

O pronome {ag kar} (presente nos dados de nº 154, 155 e 156), aparece no dicionário da Wiesmann com a definição de “todos”. Por isso, ele está sendo considerado, neste trabalho, um pronome indefinido.

Com os dados de nº 145 e 153, o pronome indefinido “nada” não possui uma palavra específica que o determine, mas vemos a expressão {nén ũ} ou {nén} seguido de {tũ} “coisa não”, usada para designá-lo. Em ambas as sentenças, foram usadas a partícula {nĩ}.

145. Jandira fi nén ũ totón tũ nĩ

Jandira fem. coisa alguém fritar neg.

Jandira nada fritou

153. Īn ka ki ti nén tũ tavĩ nĩ

Casa dentro de masc. coisa neg. ind. m. ind. a.

Nada ficou na casa.

Nas sentenças interrogativas nas quais se usava a pergunta sobre posse “De quem?”, o pronome indefinido {ũn} se posicionou da mesma forma que o pronome possessivo, como vemos no dado 123: o nome próximo ao pronome.

123. Ũ ĩn nẽ

Pron. ind. casa ind.a.

É a casa de quem?

Nos dados de sentença negativa, observamos que a partícula em kaingang que indica negação, está sempre posicionada após o verbo, como podemos ver nos dados: 143, 145, 148, 152,

143. Ũ vỹ fỹ tũ nĩ

Pron. ind. m.suj. chorar neg. ind.a.

Ninguém chorou.

145. Jandira fi nén ũ totón tũ nĩ

Jandira fem. coisa alguém fritar neg. ind.a.

Jandira nada fritou

148. Ũ vĕg tũ inh nĩ

Pron. ind. ver (sg.) não 1 p.sg. ind. a.

Eu não vi ninguém.

152. Ũ vỹ garinh tótor tũ nĩ

Pron. ind. m. suj. galinha fritar neg. ind.a.

Ninguém fritou galinha.

No dado de nº 150, observamos dois verbos lado a lado. Do dado de nº 149 para o 150, o tempo verbal mudou: de tempo não marcado para tempo de situação inacabada. Mesmo assim, o pronome indefinido {ũ} continua no início da sentença. No dado 150, a estrutura da sentença é a mesma das orações simples com sujeito pronominal O S V. Observem:

149. Ũ fỹ ja ki isóg kanhró nĩ

Pron. ind. chorar ind. m. ? suj. ag. saber ind. a.²¹

Eu sei que alguém chorou.

150. Ũ fỹ mĕg isóg mũ

Pron. ind. chorar escutar ind. ag. ind.a.

Eu ouvi alguém chorando.

O pronome {ũ} está sempre como o primeiro constituinte da sentença, é o que vemos em todas as sentenças em que ele foi usado:

➤ Nas sentença afirmativas:

142. Ũ nĕ vỹ fỹ

Pron. ind. ind.a. m. suj. chorar

Alguém chorou

²¹ No dado 149- {já} indicador de modo algo já terminado.

149. Ũ fỹ ja ki isóg kanhró nĩ
 Pron. ind. chorar ind. m. ind.circ. ind. suj. saber ind. a.
 Eu sei que alguém chorou.

150. Ũ fỹ mēg isóg mũ.
 Pron. ind. chorar escutar ind. suj. ind.a.
 Eu ouvi alguém chorando.

➤ Nas sentenças negativas:

143. Ũ vỹ fỹ tũ nĩ
 Pron. ind. m. suj. chorar neg. ind.a
 Ninguém chorou.

148. Ũ vēg tũ inh nĩ
 Pron. ind. ver (sg.) não 1p.sg. ind. a.
 Eu não vi ninguém.

152. Ũ vỹ garinh tótor tũ nĩ
 Pron. ind. m.suj. galinha fritar neg. ind.a.
 Ninguém fritou galinha.

➤ Nas sentenças interrogativas:

146. Ũ kasoro ě
 Pron. ind. cachorro ind.a.
 De quem é este cachorro?

151. Ũ kre nē hỹn
 Pron. ind. cesto ind. a. ind. o.
 Este cesto é de alguém?

As sentenças nos dados de nº 143 e 152 possuem estrutura semelhante: ambas têm o pronome {ũ}, mais a partícula negativa, significando “ninguém”. Observem:

143. Ũ vỹ fỹ tũ nĩ

Pron. ind. m. suj. chorar neg. ind.a.

Ninguém chorou.

Pron. m. suj. O V. neg.

152. Ũ vỹ garinh tótor tũ nĩ.

Pron. ind. m. suj. galinha fritar neg. ind a.

Ninguém fritou galinha.

Pron.m. suj. O. V. neg.

A palavra {krēm} foi dada, próxima ao nome {ĩn} casa, afirmando que a casa é a de baixo. Porém, este advérbio de lugar não havia sido pedido. É muito importante, ao coletarmos dados, observarmos cada pormenor, não somente da língua a qual estamos investigando, como também o lugar onde estamos fazendo as perguntas, pois mesmo sendo algo externo tem grande influência nos dados obtidos.

Investigando a possibilidade de haver nesta língua os pronomes indefinidos referentes a “tudo, toda”, foram pedidas as sentenças que estão nos dados de nº: 157, 158, 159 e 160.

157. Vējēn vỹ tũ kãn

Alimento m. suj. neg. acabar.

A comida acabou.

158. Tũg kãn ti.

Morrer acabar pron.dem.

Tudo acabou.

159. Tỹ ti tũ e kãn

Ind. suj. top. 3p.sg. coisas de alguém muito acabar.

Ele acabou com tudo.

160. Vējēn ko kãn ti.

Alimento comer acabar 3p.sg.

Ele comeu toda comida.

Podemos notar que não foi usada a palavra {ag kar} referente a todos, nem uma variação dela.

No dado 160, como foi usado o pronome pessoal {ti}, a estrutura é OVS, a mais comum quando se usa os pronomes pessoais.

Com isto, podemos levantar a hipótese de que não existe em kaingang, uma palavra específica para “tudo, toda”. Somente a expressão “ag kar” que se refere a todos, usada para pessoas e não para objetos e coisas.

7.5 PRONOMES DEMONSTRATIVOS

A origem e a definição dos pronomes demonstrativos foi um dos assuntos abordados no capítulo seis. Porém, iremos discorrer um pouco mais sobre eles.

“Os pronomes demonstrativos têm a função de indicar a posição no espaço, de um elemento bio-social, tratado na língua como “ser”, ou como um “nome”. (CÂMARA JÚNIOR, 1997, p. 122). Estes pronomes sempre são usados em referência ao falante.

Cada língua do mundo possui o seu sistema em relação à distância ou proximidade do falante e do item a que se refere. No inglês, temos um sistema dicotômico, que marca como próximo ou distante do falante usando a oposição com os pronomes: “this/ that” (este/aquele). Já no português, temos um sistema tricotômico, em que se leva em conta também o ouvinte, usando os pronomes: este (próximo ao falante), esse (próximo ao ouvinte) e aquele (longe do falante e do ouvinte). Entretanto este sistema tricotômico tem mudado, na nossa língua coloquial. Percebemos que, atualmente, na fala, existe somente um sistema dicotômico, na grande maioria dos estados brasileiros: este (ou esse - dependendo do lugar) X aquele.

Em português, os pronomes demonstrativos têm função adjetiva e função substantiva, como podemos ver nos exemplos:

- Este livro – função adjetiva.
- Este não é meu livro - função substantiva.

Como já foi dito anteriormente, o papel dos demonstrativos é essencialmente dêitico. Porém, conforme Said Ali (apud CÂMARA JÚNIOR, 1997, p.123) eles também têm o papel de serem anafóricos. Não tratam apenas do mundo bio - social, mas do que foi dito ou vai ser dito em um contexto lingüístico. Nossas gramáticas costumam usar este – o que vai ser dito; esse - o que acaba de ser dito e aquele - o que já foi dito há algum tempo ou em outro contexto.

Segundo Wiesemann (2002, p. 161), em kaingang, “os pronomes demonstrativos podem substituir os substantivos ou então os seguem para modificá-los”.

Os pronomes demonstrativos em kaingang são:

- Tag – isto;
- Ti -n - isso, esse, o;
- Fi – essa, a;
- Ën – aquilo;
- Ag – esses, os;
- Fag – essas, o casal, as;

Abaixo seguem alguns pronomes demonstrativos que também foram retirados do dicionário bilíngüe de Wiesemann, onde existem algumas combinações. São eles:²²

- Tag ti = isto aqui, este aqui.
- Tag fi= esta aqui.
- Ën ti= aquilo lá, aquele lá.
- Ën fi= aquela lá.
- Tag ag= estes aqui.
- Tag fag= estas aqui, este casal aqui.
- Ën ag= aqueles lá
- Ën fag= aquelas lá, aquele casal lá.

Os exemplos seguintes nos ajudam a verificar como estes pronomes funcionam na língua kaingang.

²² Ao lado de todos esses pronomes ocorre um advérbio de lugar. Nos dados verificou-se que é muito usado um advérbio de lugar, para demonstrar a relação de distância entre o item e o falante

3ª Pessoa do Singular:

Posição de Sujeito:

161. Ag kã tỹ hẽ tỹ ter nỹ tag

3 p.pl. ind.circ. ind.exp. pron.int.l. ind. suj. top. perg. morrer ind. suj. top pron.dem.

Tã tá nỹ ãn vóLá longe. ind. suj. top pron.dem. ind. o.²³

Qual dos dois morreu? Este ou aquele?

A coleta deste dado foi usada para observar a diferença, na língua kaingang, entre o uso dos pronomes “este” {tag} e “aquele” {ãn}. O pronome referente a “este” {tag} foi usado na primeira parte da sentença e o pronome demonstrativo “aquele” {ãn} foi usado na segunda parte da sentença. O advérbio de lugar {tã tá} (lá longe) foi usado para indicar a distância do falante em relação à pessoa de quem se falava. O {tag} foi posicionado como último constituinte na estrutura, logo após a partícula {nỹ}, que é indicadora do sujeito tópico na pergunta.

Da mesma forma o pronome {ãn}. Os dois eram constituintes tópicos na pergunta. Tanto na primeira como na segunda sentença os pronomes foram posicionados antes do verbo.

162. Kanhgág ãn ve

Kaingang pron.dem. ser

É aquele kaingang.

163. Kanhgág ãn fi vẽ

Kaingang pron.dem. fem ser

É aquela kaingang.

Nos dados 162 e 163, vemos o pronome demonstrativo {ãn} e {ãn fi} referentes aos pronomes em português “aquele / aquela”. O pronome é usado após o nome kaingang. Vamos observar esta mesma posição, no dado 165, o pronome {ãn} posiciona-se após o nome substantivo {fog} e o seu adjunto adnominal {ũ}: “fog ãn ãn”. Ao passar o pronome para o feminino, no dado 166, a partícula que indica o

²³ Com as glosas, a frase toda do dado 161 não coube em uma só linha.

gênero feminino {fi}, foi usada após o pronome, da mesma forma que ela é usada com nomes: Jandira fi, nỹ fi (mãe), entre outros.

164. Tã tá, nỹ ãn ter

Lá longe ind.a. pron.dem. morrer.

Aquele que morreu.

Nesta sentença “Aquele que morreu”, temos um pronome e uma oração adjetiva. Novamente, para demonstrar a distância do falante em relação a quem se falava foi usado o advérbio de lugar {tã ta}. Como na sentença 161, ele foi usado após a partícula {nỹ} e antes do verbo.

165. Fóg ũ ãn vẽ

Não índio pron.int. pron.dem. ser.

Aquele outro é não índio.

166. Fog ũ ãn fi vẽ

Não índia. pron.dem. ser

É aquela não índia.

167. ĩn ãn vỹ mrá to he

Casa pron.dem. m.suj. quebrada (cair).

Aquela casa caiu (quebrou).

Posição de Objeto/ Predicado:

168 (a). Kanhgág ãn fi ve inh

Kaingang pron.dem. fem ver 1p.sg.

Eu vi aquela kaingang

Quando usado como pronome na posição de objeto em uma sentença, como observamos neste dado, o pronome posicionou-se após o nome kaingang e seguido da partícula que indica o gênero feminino. Logo após, o informante falou outra frase, mas desta vez usando o advérbio {tã tá}, como corrigindo a si próprio ao pronunciar esta frase em kaingang. Podemos observar que

o pronome pessoal mudou sua posição na estrutura frasal, ficando próximo ao advérbio, porém, o pronome demonstrativo continua no mesmo lugar nesta estrutura, após o nome, seguido da partícula de gênero e do verbo.

168 (b). Tã tá inh kanhgág ĩn fi ve

Lá longe 1p.sg. kaingang pron.dem. fem ver.

Eu vi aquela kaingang.

169 (a). Kanhgág ĩn ve inh

Kaingang pron.dem. ver 1p.sg.

Eu vi aquele kaingang.

169 (b) Tã tá inh kanhgág ĩn ve

Lá longe 1p.sg. kaingang pron.dem. ver.

Eu vi aquele kaingang.

No dado 169, a estrutura é a mesma. Só não é usada a partícula feminina {fi}, pois em kaingang o masculino é um gênero não marcado. Portanto o pronome também não recebe a marca de gênero masculino.

A ordem oracional nos dados 168(a) e 169 é O V S. Já no dado 168, (b) onde vemos o acréscimo do advérbio {tã tá}, a estrutura é S O V.

Algo que foi freqüente nos dados é a posição do pronome demonstrativo ser usado após o nome a que se refere como vimos nos dados de nº: 162, 163, 165, 166, 167, 168 (a/ b), 169 (a/ b) e veremos nos dados: 171, 173, 174, 175, 182, 183, 184, 185, 186, 189. Isto acontece tanto nas sentenças afirmativas como nas interrogativas.

170. Tag mĩ há

pron.dem. ind. p. bem

Este está bem?

Posição de Objeto/ Predicado:

171. Kanhgág tag fi ĩn fi vê inh

Kaingang pron.dem. ver 1p.sg.

Eu vi esta/ aquela índia.

172. Ne nẽ, tag ti

Pron. int., coisa isto

O que é isto?

No dado de nº 172 ocorre uma inversão. O pronome demonstrativo {tag} posiciona-se antes do pronome {ti}. Talvez seja uma forma comum usada em sentenças interrogativas.

Posição de Sujeito:

173. Garafa ãn mĩ sĩ jẽ

Garrafa pron.dem. ind. p. pequena ind. a.

Aquela garrafa é pequena?

O informante, ao falar esta sentença, acrescentou uma explicação sobre as partículas usadas. Porém, neste trabalho não irei me ater aos estudos das partículas usadas, pois teria que trilhar por um caminho longo e me desviar da descrição simples do sistema pronominal em kaingang.

Posição de Objeto/ Predicado:

174. Jandira fi ta tá kanhgág ãn ve

Jandira fem. lá longe kaingang pron.dem. ver.

Jandira viu aquele kaingang.

175. Ā mĩ tã ta kanhgág ãn ve

2p.sg.suj dat. lá longe kaingang pron.dem. ver

Você viu aquele kaingang?

Nas sentenças 174 e 175 vemos a diferença entre uma sentença nominal afirmativa e a interrogativa com sujeito pronominal. A estrutura de ambas as sentenças é S O V. As duas têm o advérbio que demonstra a distância do falante de sobre quem se fala {tã tá}.

(modelo)

176. Gār tu inh

Milho carregar 1p.sg.

Eu carreguei milho

177. Gār tỹ tã tá jẽ ĩn tu inh

Milho suj. top. tá longe ind. a. pron.dem. carregar 1p.sg.²⁴

Aquele milho foi eu que carreguei.

Comparando os dados 176 e 177, percebemos que ao adicionar o pronome demonstrativo “aquele” {ĩn}, a sentença mudou não apenas com o acréscimo do pronome, mas foi adicionado também o advérbio {tã tá}, a partícula {jẽ} e a partícula {tỹ}. Estas estruturas ficaram no meio da sentença anterior como vemos abaixo e o pronome demonstrativo posicionou-se afastado do nome que ele modifica:

➤ Gār tu inh.

➤ Gār tỹ ta tá jẽ ĩn tu inh.

Posição de Sujeito:

(modelo)

178. Ludo vỹ móra nig tũ nĩ²⁵

Ludo m.suj. bola chutar não ind.a.

Ludo não chutou a bola

179. Tã tá jẽ ĩn vỹ mora nig tũ nĩ

Lá longe ind.a. pron.dem.m. suj. bola chutar (sg) neg. ind.a.

Aquele lá não chutou a bola.

Para verificarmos a posição de um pronome demonstrativo numa sentença negativa, coletamos os dados 178 e 179. Mais uma vez, podemos

²⁴ No dado 173, usou-se a partícula {jẽ}. Meu informante me disse que não podia usar partícula {nĩ}, porque garrafa é coisa comprida. Porém, se a garrafa estivesse deitada a partícula seria {na}. {Na}, portanto, é partícula marcadora de coisa deitada.

²⁵ Dado usado como modelo para contrastar.

observar o advérbio de lugar sendo usado para indicar a distância com relação de quem se fala. No dado 179 vemos o acréscimo da partícula {jê} e a partícula marcadora do sujeito {vỹ}. A partícula {vỹ} geralmente é usada com sujeitos nominais, mas nesta sentença ela é usada numa frase de sujeito pronominal. Com isto, podemos ver que o pronome demonstrativo {ẽn} está na função de substantivo.

As sentenças com pronomes demonstrativos no plural, na posição de sujeito, mantêm a mesma ordem oracional que as sentenças com pronomes demonstrativos no singular, como podemos verificar nos dados de nº. 164, 167, 173, 179, onde a estrutura é S V, SV, SV e S O V, respectivamente.

180 (a). Nén há vĕ

Coisa boa ser

Isto é bom (lit. A coisa é boa).

180(b) Tag vỹ tỹ nén há nĩ

Pron.dem. ind. suj. top.coisa boa ind.a.

Isto é bom. (lit. Esta coisa é boa).

Nos dados 180 (a/ b), temos duas sentenças que foram usadas com o mesmo significado. O ajudante kaingang disse que as duas sentenças estavam corretas, porém, percebemos que somente a 180 (b) faz uso do pronome {tag} (isto aqui). Assim como no dado 179, vemos a partícula que marca o sujeito {vỹ} sendo usada numa sentença de sujeito pronominal. Também é acrescentada a partícula {tỹ} e no final da sentença a partícula usada é a {vĕ} muda para a partícula {nĩ}.

181. Gĩr tag fi gãr tu

Menina pron.dem. milho carregar

Essa/ esta menina carregou milho.

Em kaingang, parece não haver diferença entre os pronomes essa/esta, como temos na língua portuguesa. Pois neste dado para ambos os pronomes foi dada a mesma sentença. Como já observamos anteriormente, até mesmo para diferenciar a distância de que se fala foi usado o advérbio {tã tá} (lá longe).

Posição de Objeto/ Predicado

182. Jandira fi gĩr tag fi mĩ gãr tu

Jandira fem. menina pron.dem. posp milho carregar

Jandira carregou milho para essa/ esta menina.

3ª Pessoa do Plural:

Posição de Sujeito:

183. Kanhgág ag ag vỹ gãr rĩg tĩ

Kaingang pron.dem. ind. suj. milho levar (nas costas)

Estes kaingang carregam milho.

Posição de Objeto:

184. Mário vỹ gãr tag ag tu

Mario ind. suj. milho pron.dem. carregar

Mário carregou estes milhos.

Na posição de objeto, neste dado, o pronome demonstrativo posiciona-se após o nome a que se refere e a estrutura é S O V.

Quando o pronome {tag fi} (esta aqui) foi usado como sujeito, ele posicionou-se após o nome {Gĩr} (dado nº 181). A partícula indicadora do gênero feminino, quando usada juntamente com um pronome demonstrativo, posiciona-se logo após o pronome. Esta é a seqüência usada quando temos um pronome junto ao nome: nome+ pronome demonstrativo+ partícula de gênero feminino (181. Gĩr tag fi...). Esta mesma seqüência é usada quando temos o pronome na posição de objeto (182... gĩr tag fi...). É interessante notar que, ao acrescentarmos o sujeito nominal “Jandira”, o nome é o primeiro constituinte da sentença, junto com a partícula de gênero {fi}, seguido da sentença completa do dado 184, porém com o acréscimo da posposição {mỹ} (para).

➤ Gĩr tag fi gãr tu.

➤ Jandira fi gĩr tag fi mỹ gãr tu.

Posição de Sujeito

185. Tag fag vỹ gãr rinh tĩ.

Pron.dem. ind. suj. milho carregar (pl.) ind. a.

Estas aqui carregaram milho.

Nos dados 183 e 185, temos a estrutura S O V. A diferença entre eles é o pronome sendo usado acompanhando o nome (Kanhgág tag ag) e o pronome sozinho (Tag fag), em ambos os exemplos, na posição de sujeito. Nas duas sentenças também podemos ver que eles fazem parte dos primeiros constituintes da sentença, somente o verbo carregar (pl.) que muda de {rĩg} (183) para {rinh} (185).

Posição de Objeto

186. Gãr tỹ tã tá jẽ ãn ag tu inh.

Milho ind. top. lá longe ind. a pron.dem. pl.carregar 1p.sg.

Eu carreguei aqueles milhos.

Este dado possui a mesma estrutura do dado 177 – O V S. O que difere é o pronome demonstrativo no plural. Em ambas as sentenças, o pronome demonstrativo não está próximo ao nome, como em sentenças anteriores. Entre eles temos as partículas {tỹ} (ind. top.), o advérbio de lugar {tã tá} e a partícula {jẽ} (ind.a.). Observe abaixo:

➤ Gãr tỹ tã tá jẽ ãn tu inh.

➤ Gãr tỹ tã tá jẽ ãn ag tu inh.

Posição de Sujeito

187. Tã tá nỹtĩ ãn ag vỹ mora nignig tũ nĩ

Lá longe ind.a. pron.dem. lá m. suj. bola chutar (pl.) não ind.a.

Aqueles lá não chutaram a bola.

Posição de Objeto

188. Kanhgág ãn fag vê inh

Kaingang pron.dem. ver 1p.sg.

Eu vi aquelas kaingang.

Comparando os dados 168(a) - pronome demonstrativo no singular {ãn fi} e 188 {ãn fag}, podemos ver as sentenças com a mesma estrutura oracional O V S. Quando o pronome {ãn fi} é passado para o plural, vemos a união

do fi + ag = fag. Ocorre a junção da vogal final do morfema de marca de gênero com a vogal “a” inicial do morfema de plural em kaingang {ag}. Podemos ver que ocorre um metaplasmo por sinalefa.²⁶

189. Kanhgág ãn ag vê inh

Kaingang pron.dem. ver 1p.sg.

Eu vi aqueles kaingang.

Nos dados de nº 183 a 189, temos os pronomes demonstrativos no plural {tag ag} (estes aqui), {tag fag} (estas aqui), ãn ag (aqueles lá), ãn fag (aquelas lá).

A mesma estrutura ocorre com os dados 189 e 169 (a) – O V S. No dado 189, ocorre a pluralização do pronome usado no dado 169: {ãn} para {ãn ag} (189). No dado 189, não foi usado o advérbio de lugar {tã ta}, como no dado 169 (b).

7.6 PRONOMES REFLEXIVOS

De acordo com Shopen (1985a, p. 27):

[...] Reflexive pronouns are pronouns which are interpreted as coreferential with another nominal, usually the subject; of the sentence or clause in which they occur.

No inglês, há duas formas para os pronomes reflexivos: {sef/ selves} que correspondem ao singular/ plural, respectivamente: “Peter shaved himself/ Peter and Bob shaved themselves”.

Ainda segundo o autor acima citado, algumas línguas, que distinguem pronomes reflexivos e não-reflexivos de terceira pessoa, não fazem distinção para as outras pessoas. Ao invés disto, usam o mesmo pronome para a primeira e a segunda pessoa, reflexiva e não-reflexivamente. Vejamos os exemplos:

²⁶ “Sinalefa é o fenômeno de fusão através do qual duas emissões se confundem numa só (1), através de elisão. Uma das vogais desaparece” (DAVID, 2000).

- Ils me voient
Eles me vêem
(They see me)

- Je me vois
Eu me vejo
(I see myself)

- Ils te voient
Eles te vêem / Eles você ver
Eles vêem você (They see you)

- Tu te vois
Você você ver
Você vê você mesmo (You see yourself)

- Ils les voient
Eles eles vêm (They see themselves)

Outras línguas que não possuem pronomes reflexivos ou nomes que são interpretados como reflexivos, o sentido de ação reflexiva é expresso por um sufixo verbal {- ic' i-}, como podemos ver nos exemplos da língua Tswana (SHOPEN, 1985a, p. 29).

- Ke- tla- I -thêk- êla selêpê
Eu fut. refl. comprar benef. machado
Eu deveria comprar um machado para mim mesmo.

Segundo o dicionário de Wiesemann, os pronomes reflexivos em kaingang são:

- Vênh- de si mesmo.

Os dados abaixo foram coletados para verificação das estruturas em sentenças com o uso destes pronomes.

a) 1ª Pessoa do Singular

190. Goj ki inh vėnh kypé.

Água dentro 1p.sg. pron. ref. dar banho.

Eu me lavo nome no rio.

b) 2ª Pessoa do Singular

191. Goj ki ã vėnh kypé

Água dentro 2p.sg.pron. ref. lavar.

Você se lava no rio.

c) 3ª Pessoa do Singular

192. Jandira fi vỹ vėnh rem

Jandira fem m. suj. pron. ref. pentear.

Jandira penteou-se

193. Vėnh rem fi

Pron. ref. pentear 3p.sg.

Ela penteou-se.

Comparando os dados 192 e 193, podemos observar que o pronome reflexivo é posicionado como o primeiro constituinte da sentença que tem o sujeito pronominal. O verbo segue o pronome reflexivo em ambas as sentenças, mesmo as sentenças sendo diferentes em suas estruturas: uma com sujeito nominal e a outra com sujeito pronominal.

194. Vėnh kypé fi.

Pron. refl. tomar banho 3p.sg.

Ela se lava no rio.

195. Jandira fi vỹ vėnh kypé.

Jandira fem. m. suj. pron. ref. lavar.

Jandira lavou-se no rio.

196. Manoel vỹ vãnh so há nĩ.

Manoel m. suj. pron. ref. ? gostar in.d a.

Manoel gosta dele mesmo.

197. Jandira fi vỹ vãnh so há nĩ.

Jandira fem m. suj. pron. ref. ? gostar ind. a.

Jandira gosta dela mesma.

d) 1ª Pessoa do Plural

198. Goj tá ãg vãnh kypé.

Água lá 1p.pl. pron. ref. lavar

Nós nos lavamos lá no rio.

e) 2ª Pessoa do Plural

199. Goj ki ajãg vãnh kypé.

Água dentro 2p.pl. pron.ref. lavar.

Vocês se lavam no rio.

f) 3ª Pessoa do Plural

200. Kanhgág ag vỹ goj ki vãnh kypé.

Kaingang pl. m. suj. água dentro pron. ref. lavar.

Os kaingang se lavam no rio.

201. Vãnh kypé ag tĩ.

Pron. ref. lavar 3p.pl. ind.a.

Eles se lavam no rio.

Podemos observar que o pronome reflexivo {vãnh} é usado em todas as pessoas, como vemos nos dados 190 (1ª p.sg.), 191 (2ª p.sg.) 192(3ª p.sg.), 193 (3ª p.sg.), 194 (3ª p.sg.), 195 (3ª p.sg.), e 196 (3ª p.sg.), 197 (3ª p.sg.), 198 (1ª p.pl.), 199 (2ª p.pl.), 200 (3ª p.pl.), 201 (3ª p.pl.), e ainda veremos no dado 203 (3ª p.pl.).

Em todas as sentenças acima citadas, o pronome {vãnh} foi posicionado antes do verbo. Também, na maioria das sentenças, este pronome

reflexivo seguiu o sujeito pronominal. É o que vemos nos dados 190, 191, 198, e 199. Contudo, nas sentenças em que o sujeito é nominal, ele foi posicionado após a partícula que marca o sujeito, a partícula {vỹ}, como podemos notar nos dados de nº. 192, 195, 196 e 197.

Nos dados 190, 191, 194 e 198, vemos a mesma estrutura-O S V, em frases com sujeito pronominal e que denotam a mesma ação: tomar banho (verbo kypé). Os pronomes, nessas sentenças, são referentes às 1º e 2º pessoas, tanto no plural como no singular. Contudo, podemos notar que, quando o pronome reflexivo {věnh} é usado em referência à 3ª pessoa, tanto do singular como do plural, a estrutura da sentença é outra. É o que vemos nos dados 194 e 201. As sentenças com a 3ª pessoa do singular e do plural são sentenças mais simples, isto é, não têm as palavras {gój ki, gój ta}. Elas usam somente o verbo, o pronome pessoal e o reflexivo. No dado 201 foi usada a partícula {tĩ} no final da sentença, o que não aconteceu com a sentença com o pronome pessoal referente à 3ª pessoa do singular.

A mesma estrutura usada nos dados 194 e 201: Pr. ref. V S pron. é usada na sentença de nº. 193.

A mesma ação dos dados 190, 191, 194, 198 é repetida no dado de nº 200, porém, com sujeito nominal. Comparando estes dados podemos notar que, quando a sentença tem um sujeito nominal, ele é posicionado como o primeiro constituinte da sentença, seguido da expressão {gój ki}, e somente depois o pronome reflexivo e o verbo.

7.7 PRONOMES RECÍPROCOS

Pronomes recíprocos, assim como os pronomes reflexivos, são pronomes que expressam ações mútuas, condições, etc. (SHOPEN, 1985a). Em inglês temos as expressões: “each other, one another”, que em português correspondem a “um ao outro, cada um”.

Os pronomes reflexivos e os recíprocos são frequentemente relacionados e em algumas línguas podem ocorrer certa ambigüidade. É o caso do

francês. Observemos os exemplos abaixo: ²⁷

- Ils se flattent
Eles refle/rec lisonjeiar
Eles lisonjearam a si mesmos/ Eles lisonjearam um ao outro.

Para não haver esta ambigüidade, é preciso adicionar à sentença a expressão “L” um l’ autre (um ao outro):

- Ils se flattent l’ um l’ autre
Eles refl/ rec lisonjeiar um ao outro
Eles se lisonjearam um ao outro

Câmara Júnior (2004, p. 164), em seu dicionário de Lingüística e Gramática, amplia o assunto sobre pronomes reflexivos e recíprocos, nomeando esta construção de “voz medial”. De acordo com este autor, voz medial corresponde na língua portuguesa, a uma forma adverbial átona, que se une ao verbo na voz ativa, contudo, não somente como uma forma pronominal, mas como uma voz que marca a presença do sujeito na ação do verbo. Alguns exemplos de voz medial dados por este autor são: ²⁸

- Medial reflexiva: o objeto parte de uma ação verbal transitiva.
Exemplo: Eu me feri. Com a construção não pronominal, o objeto é autônomo e não há alteração no significado: Eu o feri.
- Medial dinâmica: o objeto é o centro de uma ação verbal transitiva, que parte dele, mas não sai do seu âmbito.
Exemplo: Eu me levantei. Com a construção não pronominal o significado é alterado: Eu o levantei (= o suspendi).
- Medial expletiva: a pessoa do sujeito fica como o centro de uma ação verbal intransitiva e intensamente marcado. É uma forma

²⁷ Exemplos retirados do livro Language Typology and Syntactic Description. (SHOPEN, 1985a)

²⁸ Exemplos retirados do dicionário de Câmara Júnior “Dicionário de Lingüística e Gramática” (2004)

estilística de marcar a ação do sujeito. Exemplo: Eu me ri. Na construção não pronominal não há alteração na significação verbal, porém, não há ênfase na ação do sujeito.

Exemplo: Eu ri.

Segundo o dicionário de Wiesemann, os pronomes reflexivos em kaingang são:

- Jagně - usado como pronome recíproco= um ao outro.

A partir dos dados 202, temos este pronome {jagně} sendo usado nas sentenças, como pronome recíproco, indicando ações onde o sujeito pratica e recebe a ação, não dele mesmo, mas de outro.

O significado dos pronomes reflexivos e recíprocos é bem próximo. Contudo, as ações que os pronomes recíprocos expressam, não são com uma mesma pessoa, mas sim pessoas diferentes que executam ações concomitantes, mútuas (como já foi citado, anteriormente).

202. Ag juju kŷ jagně kóké

3p.pl. briga conj. pron. rec. estragar.

Na briga, eles se machucaram.

203. Kanhgág ag vŷ jagně vĕnh so há nŷtĩ

Kaingang pl. m. suj. pron. rec. pron. ref. ? gostar ind.a.

Os kaingang sabem muito de si mesmos.

204. Kanhgág ag vŷ jagně so há nytĩ

Kaingang pl. m. suj. pron. rec. ? gostar ind. a.

Os kaingang sabem muito um do outro.

Notamos que, na sentença de nº. 202, o pronome {jagně} demonstra esta ação mútua. O pronome {jagně} também foi posicionado antes do verbo da mesma forma que o pronome reflexivo {vĕnh}. A mesma posição na estrutura da sentença ocorre no dado 204. Porém, vemos que nesta sentença, onde o sujeito é nominal, o pronome foi usado após a partícula que marca o sujeito {vŷ}.

Comparando os dados 203 e 204, podemos notar que as duas sentenças são bem semelhantes, porém, na sentença em que o sentido foi “de si mesmos”, foram usados os dois pronomes {jagně} e {věnh}, lado a lado. Na sentença em que a ação era de “um com o outro” foi usado somente o pronome {jagně}. No dado 203, o informante, ao usar os dois pronomes, deu o significado de que os kaingang sabem de si mesmo e de outros kaingang. A estrutura de ambas as sentenças são: S pr. V.

205. Kanhgág ag ājag věme tāvī hā to tī

Kaingang pl. 3 p.pl. mesmos histórias muito ind. o. contar ind. a.

Os kaingangs contam muitas histórias deles mesmos.

O pronome {ajăg} foi usado como pronome reflexivo na sentença de nº. 205. Segundo Wiesemann (2002), este pronome é usado somente no dialeto dos kaingang do Paraná e sempre na 3ª pessoa do plural. Este pronome foi posicionado antes do verbo e após o sujeito nominal. Nesta sentença não se vê o marcador do sujeito, a partícula {vỹ}, como foi usada nas sentenças 203 e 204.

206. Jagně mỹ ag tóg vī

Pron. recip posp 3p.pl. suj. ag. falar

Eles falaram um com o outro com raiva

207. Jagně to ag há nỹtī

Pron. recip posp 3p.pl. bom ser

Eles se amam.

208. Jagně tū vóg ag tóg

Pron. recip. coisa tocar 3p.pl. suj.ag.

Eles roubam coisas (um do outro).

209. Jagně mré ag tóg rará tī

Pron. recip posp 3p.pl. suj. ag. lutar ind.a.

Eles lutam um com outro

Na sentença de nº. 208, na qual não se usa posposição, o sujeito pronominal foi posicionado depois do verbo, como o último constituinte da estrutura.

Temos, então, as seguintes estruturas com o pronome {jagnẽ}:
 ➤ Pron. rec. S V - nos dados 206, 207, 209.

➤ Pron. rec. O V S - no dado 208.

Nos dados de nº. 206 a 209 vemos o pronome recíproco {jagnẽ} sendo usado para expressar ações mútuas. Ele é o primeiro constituinte nestas sentenças. No dado 206, 207 e 209, após o pronome recíproco, vemos as posposições: {mỹ}, {to} e {mré}, respectivamente. O sujeito pronominal após as posposições e no final destas sentenças, os verbos.

7.8 PRONOMES RELATIVOS

São chamados de pronomes relativos, pois fazem referência a algum termo anteriormente mencionado no texto, chamado antecedente. Com isto, exercem uma relação de natureza anafórica.

Os pronomes relativos na língua portuguesa são:

- Substantivos: que, quem, quanto (precedido de tudo, todos);
- Adjetivos: cujo (e flexões - do qual ou de quem);
- Substantivos ou adjetivos: o qual (e flexões a qual/ as/ os quais);
- Advérbios: como, quando, onde;

Este termo antecedente do pronome relativo pode ser:²⁹

- Um substantivo:

“Dêem-me as cigarras que eu ouvi um menino”.

(Manuel Bandeira)

²⁹ Exemplos retirados do livro Gramática do Português Contemporâneo. (CUNHA, 1970, p. 241- 243).

➤ Um adjetivo:

“As opiniões têm como as frutas o seu tempo de madureza em que se tornam doces de azedas ou astringentes que dantes eram”.

(Marquês de Maricá)

➤ Um pronome:

“Aquele que partiu no brigue Boa Nova e na barca Oliveira, anos depois, voltou...”.

(Antônio Nobre).

➤ Um advérbio:

*“Lá, por onde se perde a fantasia
No sonho da beleza; lá, aonde
A noite tem mais luz que o nosso dia...”*

(Antero de Quental)

➤ Uma oração: (resumida pelo demonstrativo “o”):

“Estou muito nervoso, o que é mau”.

(Antônio Nobre)

Os pronomes relativos exercem sempre uma função sintática nas orações que eles iniciam, ao contrário dos conectivos, que são simplesmente meros conectores. Esta função sintática não tem nada a ver com a função de seu termo antecedente. Ela é indicada pelo papel que o pronome irá desempenhar na oração subordinada na qual ele estará inserido.

Sintaticamente, os pronomes relativos podem exercer a função de:

➤ Sujeito:

*“Quero ver do alto do horizonte,
Que foge sempre de mim”.*

(Olegário Mariano)

➤ Objeto Indireto:

“Eu aguardava com uma ansiedade medonha esta cheia de que tanto se falava”.

(José Lins do Rego)

➤ Objeto Direto:

*“Penas que eu próprio busquei,
Como agora as deixarei?”*

(Guimarães Rosa)

➤ Predicativo:

“Não conheço quem fui no que sou hoje”.

(Fernando Pessoa)

➤ Adjunto adnominal:

“Há pessoas cujá aversão e desprezo honra mais que os seus louvores e amizade”.

(Marquês de Maricá)

➤ Complemento Nominal:

“Denunciava João Nunes tão sincera alegria que cheguei a acreditar nas maravilhas estupendas de que é capaz um esquisito”.

(Camilo Castelo Branco)

➤ Adjunto adverbial:

“Enamorado de si próprio morreu Narciso à beira dum regato onde se mirava”.

(Miguel Torga)

➤ Agente da passiva:

“Sim, adorável pupila, a quem amo, a quem idolatro e por quem sou correspondido com igual ardor”.

(Aluísio de Azevedo)

Em kaingang, segundo o dicionário de Wiesmann (2002), temos um único pronome relativo {ũn} - aquele que.

Alguns dados foram escolhidos para descrever este pronome em kaingang. Nos exemplos foram usados somente verbos intransitivos, a fim de que não surgissem partículas, ou outros elementos na estrutura frasal, em kaingang, que impedissem a visualização das orações: principal e subordinada e a posição do pronome relativo nessa língua.

Vejamos os exemplos abaixo:

210. (a) Ter ti

Morrer 3p.sg.

Ele morreu.

210. (b) Ũn ter mũ ki inh kagtĩg nĩ

Pron. rel. morrer ind. a. ind. circ. 1p.sg. não saber ind.a.

Eu não conheço o homem que morreu.

210. (c) Kanhgág ter mũ ěn ki ěg kanhró nỹĩ

Kaingang morrer ind.a. pron.dem. ind. cir. 2p.pl. saber ind.a.³⁰

Nós conhecemos o índio kaingang que morreu.

No exemplo 210 (a), temos uma oração simples, com a estrutura S V, a que ocorre na maioria das sentenças com sujeito pronominal.

Nas orações contidas no exemplo 210 (b), a oração subordinada é a primeira na corrente das orações. O pronome relativo {ũn} inicia esta sentença. Ele posiciona-se antes do verbo, sendo o único elemento no SN sujeito. Na oração principal temos a estrutura S V. O sujeito está entre o verbo ki kagtĩg “ki inh kagtĩg”.

No exemplo 210 (c) temos duas orações, na qual a primeira tem um sujeito nominal e sua estrutura frasal é S V. Não foi usado o pronome relativo {ũn}, mas conectando as duas orações temos o pronome demonstrativo {ẽn} que funciona como um pronome relativizador. A segunda oração, que é a principal, tem a estrutura S V, também com o pronome pessoal de segunda pessoa do plural

³⁰ {mũ}= ação única, aspecto narrativo.

intercalado entre o verbo *ki kanhró*: “*ki ěg kanhró*”.

A estrutura das duas orações é:

Oração Simples			
Ter ti			
(Pronome Relativo)	Oração Subordinada	Pronome	Oração principal
Ûn	ter mũ		Ki inh kagtĩg nĩ
	Kanhgág ter mũ	ẽn	ki ěg kanhró nýtĩ.

Vemos nestas orações uma dependência catafórica, pois a oração principal é a última na corrente das orações.

211. (a) Jun fi

Chegar 3p.sg.

Ela chegou.

211. (b) Jandira fi vỹ tóg, ãn jun mũ fi ki kagtĩg nĩ

Jandira fem.m.s. suj.ag., p.rel. chegar ind.a. fem. não saber ind.a.

Jandira não sabe quem chegou.

211. (c) Jandira fi ãn tĩ mũ ẽn ki kagtĩg nĩ

Jandira fem p.rel. ind.a. andar pron.dem. não saber ind.a.

Jandira não conhece o homem que saiu.

No exemplo 211 (a) temos uma oração simples, com sujeito pronominal e estrutura V S.

Na sentença 211 (b), a oração principal iniciou a corrente das orações e também terminou. Intercalada, posicionou-se a oração subordinada, que foi iniciada pelo pronome relativo {*ãn*}, na posição de sujeito (único elemento do SN sujeito). A estrutura da oração subordinada foi S (pr.rel.) V. A segunda parte da oração principal (a final), repetiu-se o pronome pessoal (3ª p. sg.) {*fi*} antes do verbo. A estrutura da oração principal foi S (S) V.

No dado 211 (c) foi usado o pronome relativo {*ãn*}. O sujeito da oração principal e o sujeito da oração subordinada estão lado a lado como os

primeiros constituintes das duas orações: principal e subordinada, respectivamente.

O verbo da oração subordinada posicionou-se após os dois sujeitos e o verbo da oração principal, no final, seguido da partícula de aspecto {nĩ}. Antes do verbo da oração principal foi usado o pronome demonstrativo {ẽn}. Esse pronome, conforme Wiesemann (2002) significa “aquele que já foi mencionado”.

Nestes exemplos, as orações subordinadas estão posicionadas no meio das orações principais.

A estrutura das orações é:

Oração Simples				
Jun fi				
Or. Princ. (suj.)	(Pron. Rel.)	Or. Subord.	Pronome	Or. Principal
Jandira fi vỹ tóg	ũn	jun mũ		Fi ki kagtĩg nĩ
Jandira fi	ũn	tĩ mũ	ẽn	ki kagtĩg nĩ.

Pode-se perceber que na sentença, em kaingang, a palavra homem {ũn gré} não aparece na oração subordinada.

Se fosse usada a palavra “mulher” {ũn tỹtá}:

212. Jandira fi ũn tĩ mũ ẽn fi ki kagtĩg nĩ

Jandira fem p.rel. ind.a. andar pron.dem. não saber ind.a.

Jandira não conhece a mulher que saiu.

O dado de nº. 212 tem a mesma estrutura do dado 211 (c). A única diferença é a partícula de gênero feminino usada após o pronome {ẽn}. Também não foi usada a palavra mulher {ũn tỹyá}, na sentença, em kaingang.

213. Ũn tĩ mũ ẽn ki inh kagtĩg nĩ

P. rel. ind.a. andar pron.dem. 1p.sg. não saber ind.a.

Eu não conheço o homem que saiu.

No dado acima (213), o pronome relativo inicia a corrente das orações. Foi usado novamente o pronome demonstrativo {ẽn}. A oração principal teve o seu sujeito posicionado no meio das palavras que formam a expressão verbal “não saber” - *ki inh kagtĩg*.

A estrutura dessa oração é:

(Pronome Relativo) Oração Subordinada	Pronome	Oração Principal
Ūn tĩ mũ	ẽn	kĩ inh kagtĩg nĩ

Pode-se perceber que neste dado, a palavra homem {Ūn gré} também não aparece na oração subordinada.

Se no exemplo fosse usada a palavra “mulher” {Ūn tỹtá}:

214. (a) Ūn tỹtá fi vỹ nũr

Mulher fem. m.suj. dormir.

A mulher dormiu.

214. (b) Ūn nũr mũ kĩ inh kagtĩg nĩ

P. rel. dormir ind.a. 1p.sg. não saber ind. a.

Eu não sei quem dormiu.

215. Jandira fi tỹ vestido kajãm mũ ẽn fi mỹ há nĩ

Jandira fem.ind.top. vestido comprar ind.a. pron.dem. gostar ind.a.

Jandira gostou muito do vestido que comprou.

Ao analisar o exemplo acima temos duas orações:

- Jandira fi tỹ vestido kajãm mũ
- ẽn fi mỹ há nĩ.

Nestas orações não é usado o pronome relativo {Ūn}, mas temos o pronome demonstrativo, funcionando como pronome relativizador. Conforme os outros dados, a oração subordinada precede ou está inserida no meio da oração principal. Neste exemplo, não temos como deduzir, com certeza, qual é a oração subordinada e qual é a principal. Se considerarmos o fato do pronome {ẽn} estar referindo-se à palavra vestido, podemos considerá-la, a última oração, como a oração subordinada. A estrutura da primeira oração é S O V e da segunda é S V.

Uma das dificuldades nas análises das orações subordinadas é saber, exatamente, qual a marca da oração principal, se é que ela existe. Mas isto ficará para um trabalho posterior.

217. Isỹ ũn mỹ documentos vin mũ fi vỹ secretaria fi nĩ

1.p.sg. p.rel. posp documento dar ind.a. ela m.suj. secretária fem. ind.a.

A pessoa a quem entreguei os documentos é a secretária.

O sujeito da oração subordinada e o pronome relativo {ũn} estão no início das orações, lado a lado (como no exemplo 211(c)). A oração subordinada está, também, no início da corrente de duas orações. A posposição {mỹ} segue o pronome relativo. O verbo da oração subordinada {vin} - dar está posicionado após o objeto “documentos”. Este verbo está no plural, concordando com o objeto (documentos). O pronome relativo, sujeito da oração subordinada, refere-se à palavra secretária. Também temos, neste dado, uma dependência catafórica, pois a oração principal é a última. A estrutura destas duas orações é:

Oração subordinada	Oração Principal
Isỹ ũn mỹ documentos vĩn mũ	Fi vỹ ty secretaria fi nĩ.

8 PRONOMES ANALISADOS EM UM TEXTO

Antes de analisarmos os pronomes em um texto, vamos, primeiramente, tratar sobre o que é um texto e como ele pode ser composto, organizado e de que forma os pronomes, em kaingang, são usados, interagindo com outros elementos nas orações. Todos os constituintes de uma sentença formam um todo, chamado texto, têm um único objetivo, que é dar sua significação.

Um texto não é simplesmente, uma sequência de palavras ou uma simples sucessão de frases, mas sim, relações entre frases de vários níveis, que através de elos, geram uma(s) informação (ões). Todos os elementos de um texto mantêm-se interligados a um tema, os quais condicionam o processo de expansão deste tema. Mesmo em um eixo de sucessividade, os elementos constitutivos do texto executam um movimento de “vaivém” (antecipação ou retroação), permitindo desta forma não somente distinguí-los, como também captar a significação presente nesse texto.

Com isto, em um texto, há uma solicitação constante de que o leitor pere reagrupamentos de elementos distanciados entre si, um destes elementos são os pronomes. Eles dão ao leitor, através de uma rede de relações, a capacidade de captar o sentido do texto.

Segundo Guimarães (2006, p. 14), a palavra texto significa:

Um enunciado qualquer oral ou escrito, longo ou breve, antigo ou moderno. [...] São textos, portanto, uma frase um fragmento de um diálogo um provérbio, um verso, uma estrofe,... Quando não limitado às fronteiras da linguagem verbal, no plano semiótico, de sentido multidimensional, texto ou discurso é sinônimo de processo que engloba as relações sintagmáticas de qualquer sistema de signos.

O texto é produzido, segundo regras de um sistema gramatical, dentro de um contexto, e se esse contexto não for conhecido pelo receptor, sua mensagem poderá ser não tão claramente, inteligível.

Segundo Guimarães (2006, p. 36), os pronomes pessoais (também considerados pró – formas) são substitutos textuais, eles são elementos endofóricos (dentro do texto), em uma função anafórica. Os pronomes de primeira e segunda

pessoa são usados em função contextual (função exofórica), aos participantes do ato comunicativo. Os pronomes de terceira pessoa também podem cumprir o papel em função exofórica, mas participam endoforicamente. Quando se usa o “eu” em um texto, não se refere a um termo antecedente, mas refere-se ao falante. A mesma coisa acontece com a segunda pessoa. Os de terceira pessoa são substitutivos de elementos intratextuais. Por exemplo: “Robson e Emília ganharam um presente. Ele gostou muito do presente”.

Para que um texto possa ter sentido, ter significação é preciso que haja coesão e coerência. Koch e Travaglia (1999, p. 11 e 13) definem como

- Coerência: “[...] algo que se estabelece na interação, a interlocução, numa situação entre dois usuários... a possibilidade de estabelecer, no texto, alguma forma de unidade ou relação”.
- Coesão: “É explicitamente revelada através de marcas lingüísticas, índices formais na estrutura de sequência lingüística e superficial do texto, sendo, portanto, de caráter linear,... é sintática e gramatical”

Todo texto nos dá pistas que nos permitem calcular seu sentido, sua coerência. Desta forma, leitor e texto iniciam um relacionamento. Porém, esta relação, dependerá, algumas vezes, do conhecimento de mundo deste leitor (receptor) e do conhecimento dos elementos lingüísticos para que o sentido do texto seja descoberto. O conhecimento do mundo é como uma espécie de dicionário e de cultura arquivado na memória do leitor.

De acordo com Halliday e Hasan (apud KOCH; TRAVAGLIA, 1999, p. 13) a coesão é a relação semântica entre um elemento do texto e outro elemento que é crucial para sua interpretação. “[...] A coesão é interna (lingüística) e a coerência, externa, pois diz respeito aos contextos de situação”.

A coerência coloca em funcionamento processos cognitivos que estão além dos meros traços do texto. Van Dijk (apud KOCH; TRAVAGLIA, 1999, p. 19) postula que “a coerência não é apenas uma propriedade do texto, mas se estabelece numa situação comunicativa entre usuários que têm modelos cognitivos comuns ou semelhantes, adquiridos em dada cultura”. Com isto, concluímos que um texto pode ter diversos significados, dependendo do seu receptor. Nosso

conhecimento de mundo tem papel decisivo no estabelecimento da coerência.

Ao lermos um texto, em outra língua e cultura, pode ser que esse texto não produza um sentido claro, caso seus elementos lingüísticos e conhecimentos exteriores ao texto sejam desconhecidos por nós. Ao lermos um texto em kaingang, pode ser que ele não tenha tanto significado, pois não temos tanto conhecimento sobre esta cultura.

A partir de agora, analisaremos os pronomes, em kaingang, em um texto, a fim de verificarmos a posição na estrutural frasal, como um todo, e não simplesmente, em uma única sentença.

O sentido do texto precisa do elemento “pronome”, pois eles remetem aos participantes dos atos deste discurso, a recuperação de nomes, a indicação de posses, de locais, de definições ou indefinições, etc.

O texto que será analisado foi retirado da revista “Catálogo de Cestarias Kangáng- KRE kygyf- traçado em kaingang”. (2007). Terra Indígena do Apucarânia. Texto de Marlene de Oliveira. Tradução Kaingang Manuel Norég Mág Felisbino.

(1) “Tag ki, kanhgág ag jamã tỹ karỹnĩnh ki, kanhgág **faq**
Dentro de, Kaingang pl. moradia ind. top Apucarânia em, kaingang 3 p.pl.
Dentro das terras do Apucarânia, _____ as kaingang

(2) vãgfỹ **ti** vỹ tóg **faq** jykre pẽ nĩ,
traçado pron.dem. m.suj. ind. suj. top 3p.pl. sistema muito ind.a.
Conhecem muito bem o desenho sobre o sistema dos traçados

(3) **faq** vãgfỹ rágrá **ti** mré há. Kỹ tóg
3p.pl. traçados desenhos pron.dem. posp. bem. Conj. ind. suj. ag.

(4) nén ã tugtó jykre mẽ nỹtĩ,
alguma coisa contar sistema muito ind. a. (ser),

(5) há kỹ **faq** tóg nén kar to jykrén kỹ
bem conj. 3p.pl. ind. suj. ag. coisa todos posp sistema conj.

(6) kãgran tĩ, **faq** kren ki.

desenhar ind.a., 3p.pl. cesto dentro

Então, elas pensam bem e desenham coisas acerca do sistema nos cestos.

(7) Hã kỹ **faq** tỹ. Hã ki **faq** krẽ, krẽ' **ti** vỹ

Conj. 3p.pl. ind. erg. Conj. 3p.pl. descendentes, descendentes pron.dem. m. suj.

Por isso, elas ensinam com o que está no cesto e seus descendentes aprendem o que elas ensinam.

(8) tóg ki kanhrãnrãn mũ ge,

ind. suj. ag. dentro ensinar (pl.) ind.a. também,

Eles ensinam também,

(9) **faq** tỹ kre tỹ rãnrãj mũ **taq ti** tỹ.

3p.pl. ind. top balaio ind. top trabalhar ind. a. pron.dem. ind. top.

Elas trabalham com balaio como este aqui

(10) Tỹ **faq** tóg, nén **ti** mi rãnrãn tĩ gé.

Ind. top. 3p.pl. ind. top. coisa pron.dem. pequenino escrever ind.a. também

(11) **Faq** rãnrãj **taq ti** vỹ tóg tỹ, kanhgág jykre

3p.pl. trabalhar pron.dem. m. suj. ind. suj. ag. ind. top kaingang sistema

Estes aqui trabalhados por elas representam muito o sistema³¹

(12) pẽ nĩ, hã kỹ tóg tỹ nén ã

muito ind.a., conj. ind. suj.ag. ind. top. alguma coisa

(13) há pẽ nĩ, hã kỹ **faq** tóg tỹ tũ',

Agora muito ind.a., conj. 3p.pl. ind. suj. ag. ind. top. não

³¹ Seria esta sentença um exemplo de voz passiva? Porque o m. suj. está após o pronome demonstrativo, como se o Pron Pessoal+ verbo+ Pron. Dem. fosse uma expressão substantivada. Porém, não iremos tratar, neste trabalho, sobre voz passiva ou expressão substantivada. Será um assunto para uma pesquisa posterior.

(14) he pẽ han sór tũ nĩ sir.

Dizer muito fazer querer fazer não ind.a. ind.o.

E é coisa muito importante para elas e, por isso, elas não deixam acabar com os desenhos nos cestos

(15) Hã kaki **jagně** kanhkã **ti**

Igual desenho pron. rec. família pron.dem.

(um ao outro)

(16) vỹ tóg, **jagně** ki kanhrãnrãn tĩ ge, **ag** tỹ **věnh**

m. suj. ind. top. pron. rec. dentro ensinar ind.a. também 3p.pl. ind. top pron. refl.

(um ao outro)

(de si mesmo)

Estes desenhos ensinam e também faz com que as famílias se conheçam

(17) ránrán **ti** tigrĩn.

escrever pron.dem. conj.

por causa deste (sistema).

(18) Hã vỹ tóg tỹ, kamě mré kanhru **ti** nỹtĩ sir.

Igual m. suj. ind. suj. ag. in. top. Kamě posp. Kairu pron.dem. ind.a. ind.o.

Sendo, então. Kamě e Kairu.

(19) **Tag** tigrĩn kanhgág ag

Pron.dem. conj. kaingang pl.

(20) vỹ **jagně** ki kanhrãnrãn tĩ, **ag** kanhkã **ti** _ ki.

m. suj. pron. rec. dentro ensinar (pl.) ind.a., 3.p.pl. família pron.dem. dentro

Por causa deste sistema os kaingang ensinam um ao outro e às suas famílias

(21) Kamě ag rá **ti** hã vỹ tóg tỹ rá joj nĩ.

Kamě pl. sinal pron.dem.igual m. suj. ind. suj. ag. ind. top. sinal risco comprado ind.a.

Igual este sinal dos kamě é um sinal de risco comprado

(22) Jãvo kanhru ag rá **ti** vỹ tóg tỹ rá kutu
 Em oposição kairu pl. sinal pron.dem. m. suj. ind. suj. ag. sinal redondo
Em oposição este sinal dos kairu é um sinal redondo

(23) nĩ sir. **Ag** tỹ **ũ** mĩ ránrán **ẽn ti**
 ind. a. ind.o. 3p.pl. ind. top. pron.ind. dentro escrever pron.dem.

(24) vỹ tóg, **ag** tỹ **iagnẽ** mỹ nén ũ to jafã nỹgtĩ.
 ind. suj. ag. 3p.pl. ind. top. pron. rec. posp alguma coisa posp coisa para fazer ind.a.
Eles escrevem alguma coisa para estes desenhos trasnmitirem alguma coisa.

(25) Kre mĩ ránrán **ẽn ti** vỹ tóg tỹ sẽ ag rágrá
 Balaio dentro escrever pron.dem. m. suj. ind. suj. ag. caça pl. desenho
 (v.t. pl.)
Aquilo escrito dentro do balaio pode representar caça, pode fazer sarar/

(26) to hyn han kỹ nỹtĩ gé, ěkré ag mré hã,
 posp fazer sarar então ind.a. também, plantação pl. posp. parecido/ igual(curar)
pode fazer sarar/ curar, também representar plantações é certo que semelhante

(27) kanhgág ag jykre **ti** ki mỹr.
 kaingang pl. sistema pron.dem. dentro verdade/ é certo
ao sistema kaingang (=representam o sistema).

(28) Vãgfy **ag kar ti**, kre ror, kre rur ag ke ge.
 trançado todos pron.dem., balaio redondo, balaio baixos pl. dizer também
Todos estes balaios, balaios redondos, balaios baixos, representam / dizem

(29) **Ag** rágrá to tóg hyn han kỹ nỹtĩ,
 3p.pl. desenho posp ind. suj. ag. fazer sarar conj. ser (ind.a.)

(30) he ja nĩgtĩ kre **ag kar ti**.
 dizer ind. m. ind.a balaio pron.ind. pron.dem.
Todos os desenhos deles (cestos) têm alguma coisa representada neles.

(31) Vãrsỹ tóg ge **ti**, he ja nĩgtĩ, **ẽg** jóg,
Faz tempoid. suj. ag. também pron. dem. dizer ind. m. ind. a., 2p. pl. antepassados,

(32) jóg ag jykre **ti**”.
Antepassados pl. sistema pron. dem.”.
Há muito tempo, também, este sistema expressa os nossos antepassados,
o sistema dos nossos antepassados”.

Dentro do sistema de representações visuais, os objetos trançados são uma especialidade cultural entres os kaingang da T.I. do Apucarantina e constitui na expressão artística de maior relevância na atualidade. As mulheres são as detentoras do conhecimento e técnicas desta arte, sendo elas as responsáveis pela continuidade deste saber por várias gerações. Produzem um elenco de objetos variados e que são denominados como: os wogfy- trançados em geral, que podem ser os kre- cestos de diversos tamanhos e os kygyf- trançados aplicados em utensílios.

Os objetos revelam formas e motivos gráficos que estão ligados a outras esferas da vida social e cultural deste grupo e que estão vinculados a metades exogâmicas, personificados nos heróis míticos: kamé e kainrú-kré, que se opõe e se complementam. Cada metade possui uma pintura corporal distinta. Os kamé possuem pintura de riscos, os Kainru-kré, círculos.

Cada objeto traz impresso consigo importantes significados como um código cultural de comunicação entre o grupo. Os motivos e/ou os desenhos contidos nas cestarias podem referir-se a animais, plantas e outros seres cosmológicos, inclusive os sobrenaturais, todos pertencentes ao padrão cultural kaingang. A técnica dos trançados (compridos e abertos ou fechados) e o tamanho dos cestos classificados de (kre téj, comprido ou kre ror, redondo ou baixo) também estão ligados às metades exogâmicas.

(1)

Fag - Pronome demonstrativo, posicionado após o nome, no SN sujeito.

(2)

Ti - Pronome demonstrativo, posicionado após o objeto, no SN objeto. Fag – Pronome possessivo, posicionado antes do nome, no SN objeto.

(3)

Fag – Pronome possessivo, antes do nome, n SN objeto.

Ti – Pronome demonstrativo, após o nome, no SN objeto.

(5)

Fag – Pronome pessoal, Sujeito no SN sujeito.

(6)

Fag – Pronome possessivo, posicionado antes do nome, no SN objeto.

(7)

Fag – Pronome pessoal, sujeito no SN sujeito.

Fag - pronome possessivo, posicionado antes do nome no SN sujeito.

(9)

Fag – Pronome pessoal, no SN sujeito.

Tag ti – pronome demonstrativo, funcionando como sujeito no SN sujeito.

(10)

Fag – Pronome Pessoal, sujeito no SN sujeito.

Ti – Pronome demonstrativo, posicionado após o nome, no SN objeto.

(11)

Fag – Pronome Pessoal, sujeito no SN sujeito.

Tag ti - Pronome demonstrativo no SN sujeito.

(13)

Fag – Pronome pessoal sujeito, no SN sujeito.

(15)

Jagně - Pronome recíproco (referindo à palavra família), antes do nome no SN sujeito.

(16)

Jagně - Pronome recíproco, posicionado antes do verbo,.

Ag – Pronome pessoal, sujeito no SN sujeito.

Věnh - Pronome reflexivo, antes do verbo no SN sujeito.

(17)Ti – Pronome demonstrativo- usado sem o nome no SN objeto.³²**(18)**

Ti – Pronome demonstrativo, posicionado após o nome no SN sujeito.

³² Na maioria dos exemplos, o pronome demonstrativo estava sempre junto ao nome, posicionando-se após ele.

(19)

Tag= Pronome demonstrativo, posicionado antes do nome.

(20)

Jagně - Pronome recíproco, posicionado após o nome, no SN sujeito, antes do verbo.

Ti – Pronome demonstrativo, posicionado após o nome no SN objeto.

(23)

Ag – Pronome pessoal no SN sujeito.

Ůn - Pronome Indefinido, no SN sujeito.

Ěn ti – Pronome demonstrativo, usado sem o nome a que se refere, usado no SN sujeito.

(24)

Ag- Pronome pessoal no SN sujeito.

Jagně - Pronome recíproco, posicionado antes do verbo, no SN sujeito.

(25)

Ěn ti – Pronome demonstrativo, não próximo do nome a que se refere no SN sujeito, com partícula marcadora do sujeito após ele.

(27)

Ti – Pronome Demonstrativo, posicionado após o nome, no SN objeto.

(29)

Ag – Pronome demonstrativo, posicionado antes do nome {rágrá}, no SN sujeito.³³

(30)

Ag kar – Pronome indefinido, após o nome {kre}.³⁴

(31)

Ti – Pronome demonstrativo, longe do nome a que se refere, no SN sujeito.

Ěg – Pronome possessivo, posicionado antes do nome {jóg} no SN sujeito.

(32)

Ag – Pronome possessivo, posicionado após o nome {jóg}, no SN sujeito, no SN sujeito.³⁵

³³ Na maioria dos exemplos anteriores, o pronome demonstrativo posicionava-se após o nome.

³⁴ Diferente dos exemplos de nº. 154 e 155, o pronome /ag kar/ se refere à palavra balaio /kre/.

³⁵ Na maioria dos exemplos o pronome possessivo posicionou-se antes do nome. Pode ser que neste caso tenha sido usado após o nome, como uma forma estilística.

Analisando os pronomes no texto, podemos verificar que, a maioria deles, mantém a mesma posição que observamos nas sentenças simples.

O pronome demonstrativo foi o único que se posicionou de maneira diferente das observadas nas orações simples. Nas orações deste texto em que ele foi usado, sua posição era após o nome a que se referia.

Observemos os exemplos abaixo, as posições em que ele foi usado:

- Na sentença 17, o pronome {ti} foi usado longe do nome a que se referia.
- O pronome {tag} usado na sentença 19 foi posicionado antes do nome.
- Na sentença 23, o pronome {ën ti} foi usado sem o nome e com a partícula marcadora do sujeito, funcionando como um pronome substantivo.
- {Ën ti}, no exemplo 25, também não se posicionou próximo ao nome que se referia e com partícula marcadora de sujeito {vỹ}.³⁶
- Na sentença 29, o pronome {ag} foi usado antes do nome, assim como na sentença 19.
- O pronome {ti} foi usado longe do nome a que se referia.

O pronome indefinido {ag kar}, que nos exemplos com sentenças simples, referia-se somente a pessoas e não a objetos e animais. Neste texto, ele se refere à palavra {kre} (balaio).

³⁶ Esse fato também ocorreu somente nos exemplos 179 e 180.

CONCLUSÃO

O objetivo principal deste trabalho foi descrever na estrutura frasal, toda a classe pronominal em kaingang na estrutura frasal em kaingang. Para alcançarmos nossa meta, procuramos coletar um bom número de exemplos a fim de que pudéssemos visualizar a posição dos pronomes em sentenças simples, subordinadas (usando os pronomes relativos) e, por último, os pronomes em um texto. Alguns temas surgiram no meio destes exemplos, abrindo portas para pesquisas posteriores acerca da morfossintaxe na língua kaingang.

Nesta descrição dos pronomes pessoais, verificamos que a estrutura padrão, em kaingang, sofre uma variação, quando se tem um sujeito pronominal. A estrutura canônica é S O V. Geralmente, com um sujeito pronominal temos a estrutura O V S. Se na sentença, temos objeto direto e indireto, esse se posiciona no início da sentença. Outro fato, é que, na sentença em que se usava um advérbio, o pronome posicionava-se, sempre ao seu lado. O sujeito pronominal acompanha o advérbio. Também, nas sentenças com sujeito pronominal não vemos o uso de partícula marcadora de sujeito {vỹ}.

Os pronomes possessivos possuem a mesma forma fonológica que os pronomes pessoais, porém, com função diferente. Eles posicionam-se antes do núcleo do SN sujeito e antes do núcleo SN objeto. Não se verificou a concordância do pronome com o núcleo pluralizado. A reduplicação verbal é a marca de plural do verbo (dados 94 e 95). Com o pronome possessivo de 1ª p.s. {inh} + a palavra {jóg} ocorre o processo de prefixação de posse inalienável. Também a forma {sỹ} funciona como pronome de 1ª p.s. A forma {ag} funciona tanto como pronome de 3ª p.p. (exemplo 38) como morfema de plural (exemplo 37). O pronome possessivo {fi} indica posse quando antecede o nome. Mas, quando segue o nome funciona como marca de gênero feminino (exemplo 78).

Usando o pronome interrogativo {ne} (o que) verificamos que, o sujeito sendo pronominal ou nominal, tendo ou não objeto, o pronome interrogativo posicionou-se sempre ao lado do verbo da sentença, na maioria dos exemplos. Usando esse pronome interrogativo, na pergunta: “O que é isto”, dependendo da forma do objeto apontado, usaria-se uma partícula diferente: {nĩ, jẽ, na, nỹ}. O pronome interrogativo {ũ} foi usado no início da sentença; após o sujeito; na mesma

posição de um pronome possessivo (antes do nome) quando se interroga quem possui um objeto. O pronome interrogativo {hẽ} foi posicionado no final da estrutura frasal; pode ser usado com outro pronome interrogativo, como ocorreu no exemplo 132 (usado com pronome {ũ}; na estrutura canônica – S O V, esse pronome posicionou-se entre o sujeito e o verbo, da mesma forma que o pronome interrogativo {ne}).

Conforme os dados, podemos verificar que o pronome indefinido {ũn} possui algumas características que o difere dos demais. Uma delas é a presença da partícula que marca o sujeito {vỹ}. Ao ter esta marca após ele, podemos dizer que ele funciona como um pronome substantivo. Buscando a possibilidade de haver em kaingang uma palavra para os pronomes: nada, tudo, todos, verificamos que não existe uma forma de palavras específicas para esses pronomes, somente expressões, como por exemplo: {nén tũ} (coisa não= nada). A expressão {ag kar} se refere a todos, e nas sentenças foi usada somente para pessoas. No texto em kangang, foi usada para objeto (a palavra balaio- {kre}).

Os pronomes demonstrativos, usados como dêiticos, posicionam-se, em kaingang, após o nome, tanto no SN sujeito como no SN objeto. Quando se usa a partícula que marca o gênero feminino, ela se posiciona após esse pronome: nome+ pron. dem. + fem. Para mostrar a distância em relação ao falante, foi usado um advérbio {tã tá} (lá longe) na maioria dos exemplos dados. Diferentemente, do pronome pessoal, o pronome demonstrativo, não muda sua posição quando na sentença há um advérbio (176 e 177). Como os nomes masculinos, os pronomes masculinos não são marcados (morfema masculino Ø).

Podemos observar que em kaingang, o pronome reflexivo {vẽnh} é usado para todas as pessoas (singular e plural). Nos exemplos, ele posicionou-se antes do verbo. Em alguns dados, ele foi o primeiro constituinte da sentença com sujeito pronominal (192 e 193). Temos a estrutura O S V, com sujeito pronominal, nos dados 190, 101, 194 e 198. O pronome recíproco {jagnẽ} usado para expressar ações mútuas, também se posicionou como primeiro constituinte, na maioria das sentenças. Nas sentenças, as quais foram usadas posposições, esse pronome posicionou-se após ela.

Os pronomes relativos, usados em orações subordinadas adjetivas, exercem uma função anafórica. Em kaingang o pronome relativo é {ũn}. Nos exemplos obtidos, as orações subordinadas eram as primeiras na corrente das

orações. O pronome relativo iniciava essa oração subordinada. Ele posicionava-se antes do verbo, sendo, o único elemento no SN sujeito, como vemos no exemplo 210 (b). Em outro exemplo, não foi usado esse pronome, mas sim o pronome demonstrativo {ẽn} funcionando como um pronome relativizador, unindo oração principal + oração subordinada (exemplo 210 (c)). A oração subordinada pode vir intercalada, no meio da oração principal, como ocorreu no exemplo 211 (b). Nesse dado, a oração principal iniciou e terminou a corrente das orações. O pronome relativo {ũn} foi o único elemento do SN sujeito. Portanto, verificamos que as orações subordinadas podem vir iniciadas pelo pronome relativo {ũn} ou pelo pronome demonstrativo {ẽn} funcionando como pronome relativizador.

Analisando os pronomes no texto, verificamos que, na maioria dele, manteve a mesma posição observada nas orações simples. O pronome demonstrativo foi um dos únicos que mudou sua posição, posicionando-se: longe do nome a que se referia, antes do nome (e não após, como na maioria dos dados), sem o nome e com a partícula marcadora de sujeito {vỹ}, funcionando como pronome substantivo.

Cremos ter dado uma contribuição, ainda que modesta para a elaboração da gramática pedagógica do prof. Ludoviko C. dos Santos, que consistirá na descrição de classes das palavras em kangang.

A carência de material didático das escolas indígenas e de seus professores bilíngües, ainda é grande.

Esperamos que este trabalho seja usado como uma forma de despertamento para dar continuidade a outras pesquisas nesta língua.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Liriana; SANTOS, Ludoviko. A Concordância de número em Kaingang. In: ENCONTRO INTERNACIONAL SOBRE LÍNGUAS E CULTURAS MACRO-JÊ, 4., 2005, Recife. **Resumos...** Recife: Ed. da Universidade Federal de Pernambuco, 2005. p. 17-18.

_____. **A marcação de (tempo), modo e aspecto na língua kaingang**: uma proposta de análise. 2008. Tese (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de lingüística e gramática**. 25. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

_____. **Introdução às línguas indígenas brasileiras**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

_____. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1997.

CAVALCANTE, Marita Pôrto. **Fonologia e morfologia da língua kaingang**: o dialeto de São Paulo comparado com o do Paraná. 1987. Tese (Doutorado em Lingüística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

CRYSTAL, David. **Dicionário de linguística e fonética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

CROFT, William. **Typology and universals**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CUNHA, Celso. **Gramática do Português Contemporâneo**. Belo Horizonte: Bernardes Álvares, 1970.

GIVÓN, Talmy. **Syntax: a functional – typological Introduction**. Amsterdam: Jonh Benjamin's Publishing Company, 1984.

GLEASON JÚNIOR, Henry Allan. **Introdução à lingüística descritiva**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1978.

GOMES, Nataniel dos Santos. **Breve histórico das línguas indígenas brasileiras**. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/revista/artigo/4\(12\)48-53.html](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/4(12)48-53.html)>. Acesso em: 20 set. 2008.

GUIMARÃES, Elisa. **A articulação do texto**. 9. ed. São Paulo: Ática, 2006.

KOCH, Ingdore Grunfeld Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A coerência textual**. São Paulo: Contexto, 1995.

_____. **Texto e coerência**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

LUFT, Celso Pedro; AVERBUCK, Ligia; EW, Atelaine; FILIPOUSKI, Ana Mariza. **Gramática, ortografia oficial, redação, literatura textos e testes**. São Paulo: Globo, 1986.

LYONS, John. **Introdução à lingüística teórica**. São Paulo: Nacional, 1979. MARTIN, Robert. **Para entender a lingüística: epistemologia elementar de uma disciplina**. São Paulo: Parábola, 2003.

MUSSALIM, Fernanda. **Introdução à lingüística** 1. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

NASCIMENTO, Silvia Helena Lovato. **Aspectos morfológicos e sintáticos e marcação de caso da língua kaingang**. 1995. Tese (Mestrado em Lingüística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas brasileiras**. São Paulo: Loyola, 1986.

_____. **Originalidade das línguas indígenas brasileiras**. 1999. Disponível em: <<http://orbita.starmedia.com/i.n.d.i.o.s/textos/txt008or.htm>>. Acesso em: 20 out. 2008.

_____. Sobre as línguas indígenas e sua pesquisa no Brasil. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 57, n. 2, p. 35-38, abr./jun. 2005.

SHOPEN, Timothy. **Language typology and syntactic description**. Grammatical categories and lexicon. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. v. 1.

_____. **Language typology and syntactic description**. Grammatical categories and lexicon. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. v. 3.

SILVA, Célia Ribeiro. **História crítica da construção da escrita do kaingang**. 1996. Tese (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

TABOSA, Luciana Pereira. **Construções causativas na língua kaingang**. 2006. Tese (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

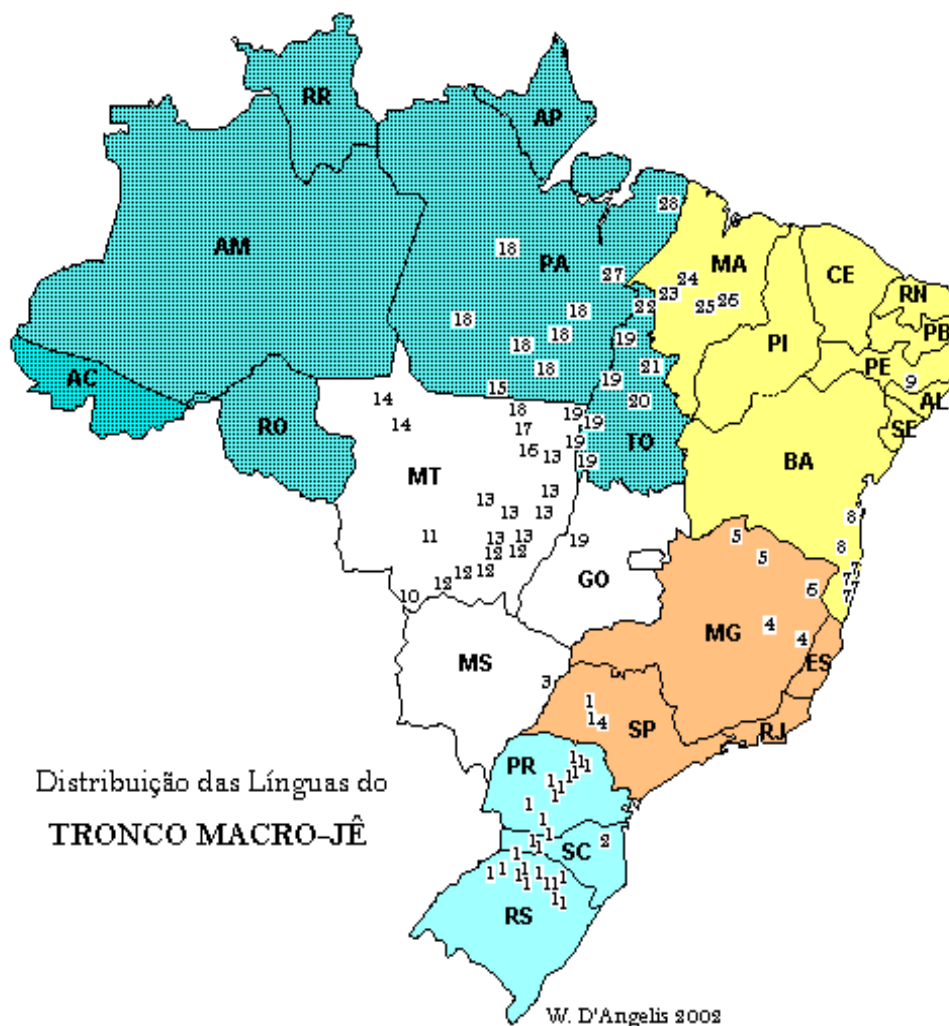
WIESEMANN, Úrsula. **Dicionário bilíngüe Kaingang-Português**. Curitiba: Evangélica Esperança, 2002.

ANEXOS

ANEXO A**Mapa da Distribuição das Línguas do Tronco Macro-Jê (Brasil)**

ANEXO A –

Mapa da Distribuição das Línguas do Tronco Macro-Jê (Brasil)



Fonte: <http://macroje.aokatu.com.br/linguas.html>

- | | |
|------------------------------|----------------------------------|
| 1. Kaingang (RS, SC, PR, SP) | 15. Panará (PA) |
| 2. Xokleng (SC) | 16. Suyá (MT) |
| 3. Ofaié (MS) | 17. Tapayuna (MT) |
| 4. Krenak (MG, SP) | 18. Kayapó - Mebengokre (PA, MT) |
| 5. Xakriabá (MG) | 19. Karajá (GO, MT, TO) |
| 6. Maxakali (MG) | 20. Xerente (TO) |
| 7. Pataxó (BA) | 21. Krahô (TO) |
| 8. Pataxó Hã-hã-hãe (BA) | 22. Apinayé (TO) |
| 9. Yatê / Fulniô (PE) | 23. Krikati (MA) |
| 10. Guató (MT) | 24. Pukobyé (MA) |
| 11. Umutina / Bororo (MT) | 25. Apaniekra (MA) |
| 12. Bororo (MT) | 26. Rankokamekra (MA) |
| 13. Xavante (MT) | 27. Kreyê (PA) |
| 14. Rikbaktsa (MT) | 28. Parakateyê (PA) |